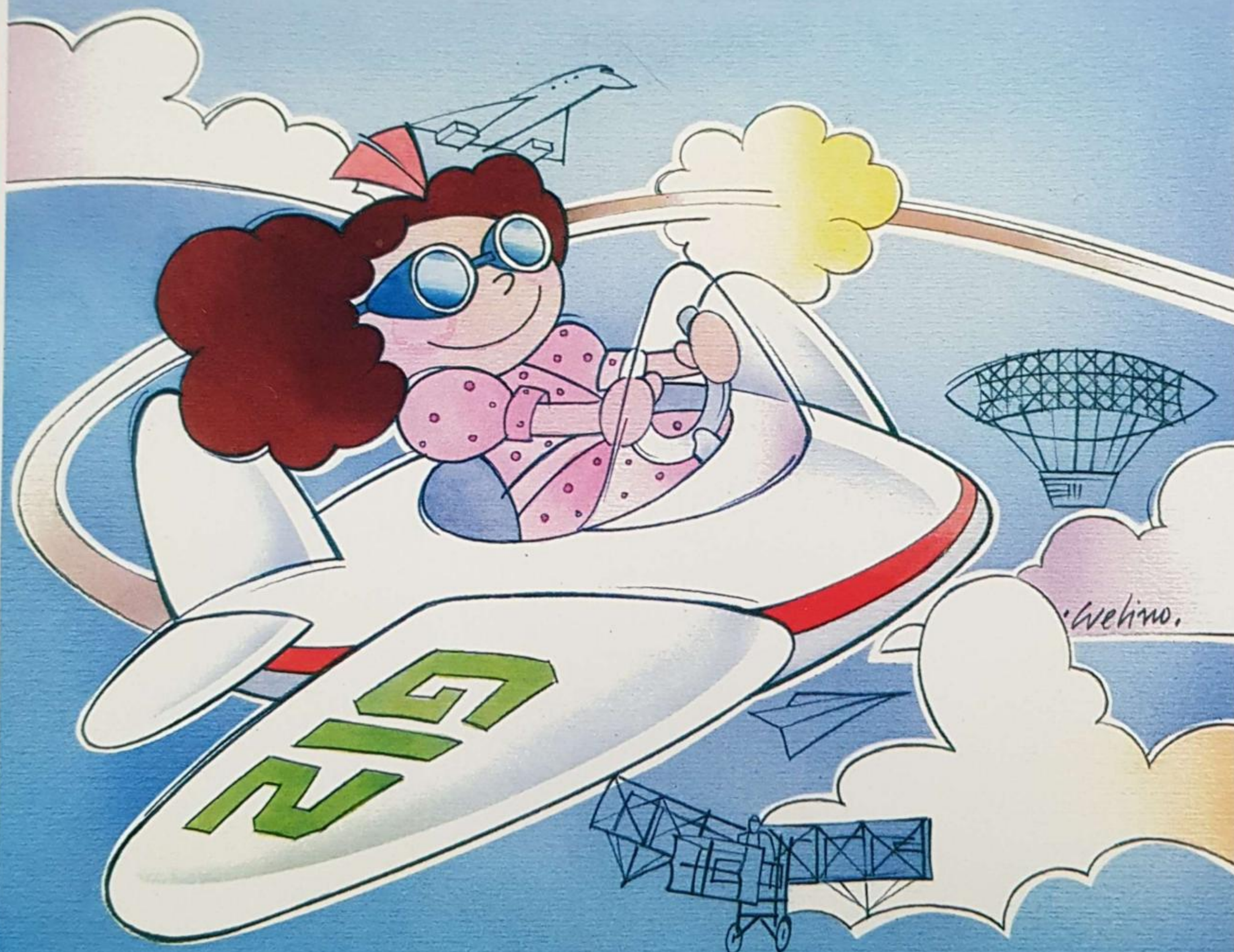


nana  nene

Uma história para cada dia

Outubro

prof.com.partilhando



Histórias de Sonia Robatto

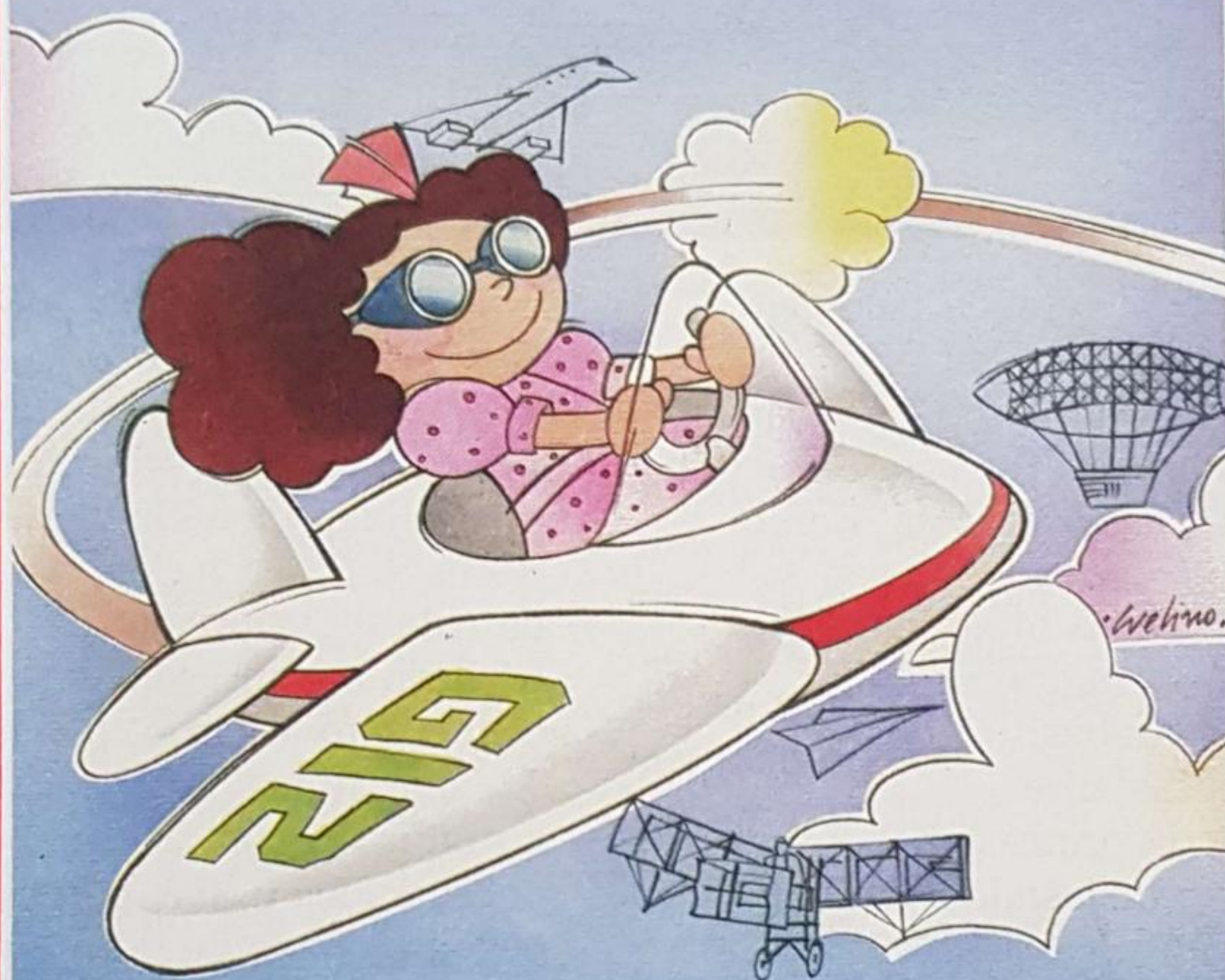


nana nenê

prof.com.partilhando

Uma história para cada dia

Outubro



Histórias de Sônia Robatto

Estúdio Sônia Robatto

Sônia Robatto (autoria das histórias)
Arlete Alonso e Sônia Robatto (projeto e execução editorial), Walter Ono (direção de arte), Elvira De Bellis (coordenação), Ismar Leal (preparação de texto)

Título da obra: **Nana Nenê — uma história para cada dia**
© 1992 by Sônia Robatto

Direitos desta edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A. — Rua do Curtume, 665, CEP 05065-001, São Paulo, SP, Brasil.

Em co-edição com Globo Cochrane Gráfica Ltda. — Rua Joana Foresto Storani, 676, CEP 13280-000, Vinhedo, São Paulo, Brasil.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em computador ou transmitida de qualquer forma e por quaisquer meios, eletrônicos, mecânicos, por fotocópia, gravação ou outros, sem a permissão expressa e escrita do titular dos direitos autorais.

Coleção completa: ISBN 85.250.1189-4

Impressão e acabamento: Globo Cochrane Gráfica Ltda.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte — Câmara Brasileira do Livro, SP

Robatto, Sônia
Nana nenê : uma história para cada dia : janeiro / histórias de Sônia Robatto. — São Paulo : Globo : Globo Cochrane, 1993.

Obra em 12 vol.
ISBN 85-250-1189-4

1. Literatura infanto-juvenil I. Título.

93-2969

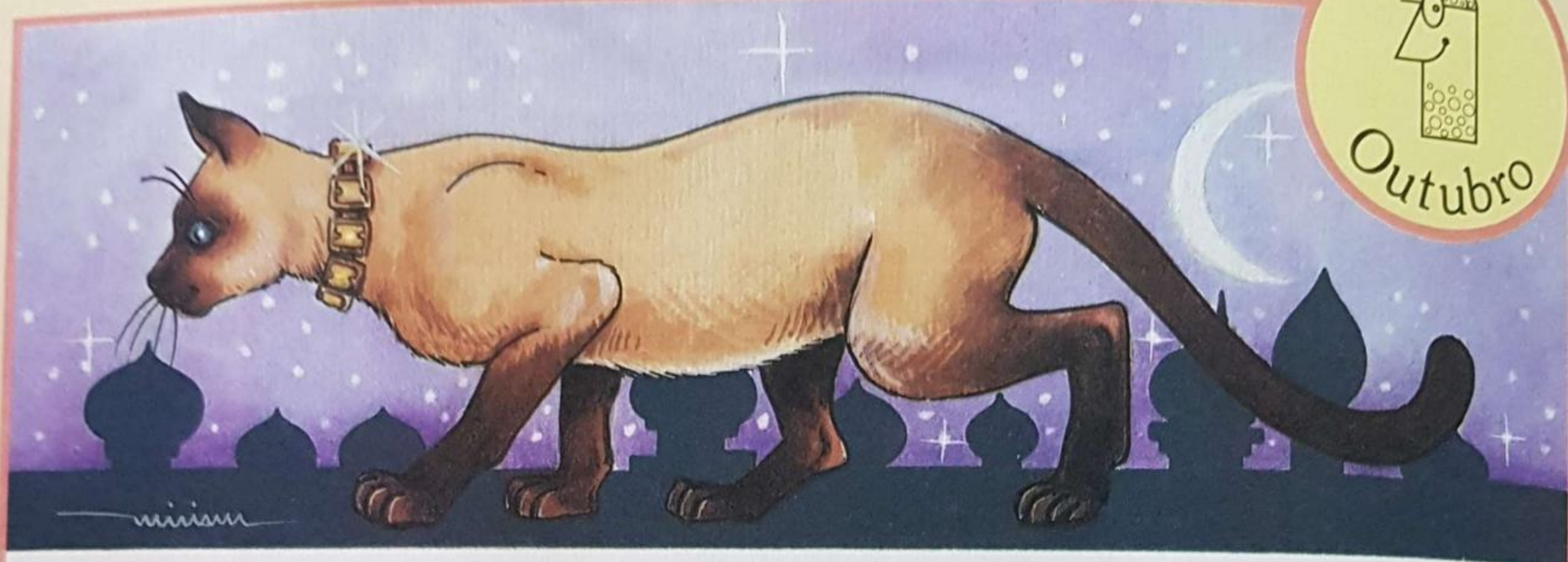
CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infanto-juvenil 028.5



O gato siamês



(Esta história foi contada pelo gato Romeu para sua ninhada.)

— Era uma vez um lindo gato siamês...

O gato se chamava Topázio. Ele morava num harém, lá nas Arábias. Harém é um lugar no palácio, cercado de jardins e grades muito altas, onde moram as mulheres dos príncipes árabes.

Neste harém distante vivia uma linda princesinha.

O nome dela era Jasmim. Tinha paixão por gatos. (Bom gosto, não, meus filhos?) E o gato de estimação dela era o Topázio.

Eles foram criados juntos. O gato vivia sempre no colo da princesinha, com sua coleira de topázio maravilhosa no pescoço.

A princesinha cresceu linda. Tinha cabelos compridos, pretos como uma noite sem luar...

E um coração que batia alegre feito um beija-flor. Este coraçãozinho se apaixonou por um belo príncipe, que ela conheceu na festa de casamento de uma das suas muitas irmãs.

Uma festa que durou sete dias...

O véu que cobria o seu rosto caiu, e o príncipe, vendo a beleza da princesinha, se apaixonou, também, perdidamente.

Mas a princesa tinha de se casar com outro príncipe, casamento há muito

tempo combinado pelas famílias.

O desespero tomou conta dos dois.

A mãe dela, com medo de que a princesa fugisse, trancou a coitada no quarto com uma chave de ouro.

A chave ficava na mesa de cabeceira da mãe da princesa.

Lá ficou a princesa Jasmim, trancada com o gato Topázio, por muitos dias.

Até que, numa certa madrugada, quando a rainha dormia, Topázio escapuliu pelas grades e, nas pontas das patas, pegou a chave de ouro e entregou nas mãos da sua princesinha trancadinha. Ela abriu a porta devagarinho, e os dois foram andando que nem gatos pelas muralhas do palácio.

Até que chegaram numa passagem secreta que o Topázio tinha descoberto por acaso, brincando.

Os dois fugiram correndo, e o Topázio levou a princesinha para o palácio do príncipe por caminhos muito secretos e misteriosos que só ele conhecia.

O final desta história é bonito.

O príncipe e a princesinha se casaram e viveram felizes para sempre. Topázio se casou também com uma linda gata siamesa chamada Madrepérola.

E tiveram ninhadas tão lindas como as nossas.

E o gato Romeu sorriu para a gata Maria Preta que também estava escutando a história.

A caixa misteriosa

prof.com.partilhando



Quando o senhor Joaquim, dono da venda daquela cidadezinha, acordou, viu no centro

da pracinha uma grande caixa de metal dourado, trancada com cadeado. Tentou abrir de tudo quanto foi jeito, mas não conseguiu.

Chamou os seus amigos. Vieram todos, até os cachorros e os papagaios.

Ficou todo mundo em torno da caixa tentando abrir, falando... Uns diziam que a caixa devia ser mágica. Outros, que devia ser um tesouro de pirata.

Outros, medrosos, diziam que a caixa era muito perigosa, devia ter bomba-relógio, cobras e lagartos, sei lá o que de ruim lá dentro.

Mas todos achavam que a caixa não podia ficar fechada. Que devia ser aberta rapidinho.

Dom Louro, o papagaio do senhor Joaquim, começou a sapatear em cima da caixa, papagueando sem parar: — Abre-te, Sésamo. Abre-te, Sésamo! Mas a caixa não obedecia, não abria! Foi aí que apareceu o senhor Filomeno, o ferreiro da cidade.

E disse que ia abrir a caixa de qualquer jeito. Onde já se viu uma coisa dessas?

Muita gente se afastou com medo. Mas o senhor Filomeno — cheio de ferros, limas e martelos — abriu com todo cuidado o cadeado.

Devagar, levantou a tampa pesada. E sabe o que ele encontrou lá dentro? Imagine!

Outra caixa menor, tampada. O senhor Filomeno destampou a caixa. Apareceu outra caixa, também tampada.

O senhor Filomeno foi encontrando outras caixas com outras tampas. Até que chegou na sétima, bem lá no fundo. Uma caixinha de madeira linda,

toda pintada. Ele tirou a caixinha muito devagar, levantou a tampa e... que surpresa!

Apareceu uma linda bailarina, que dançava e girava dentro da caixa de música ao som de uma valsa muito antiga, bonita.

Todo mundo ficou encantado pela caixinha de música, coisa nunca vista na cidade.

O senhor Joaquim levou a caixa de música para o balcão da venda. E o senhor Filomeno ficou com as caixas vazias para guardar as suas ferramentas.

Agora, nos fins de tarde, todo mundo vai ver Dom Louro dançando valsa no balcão com a bailarina da caixa de música.

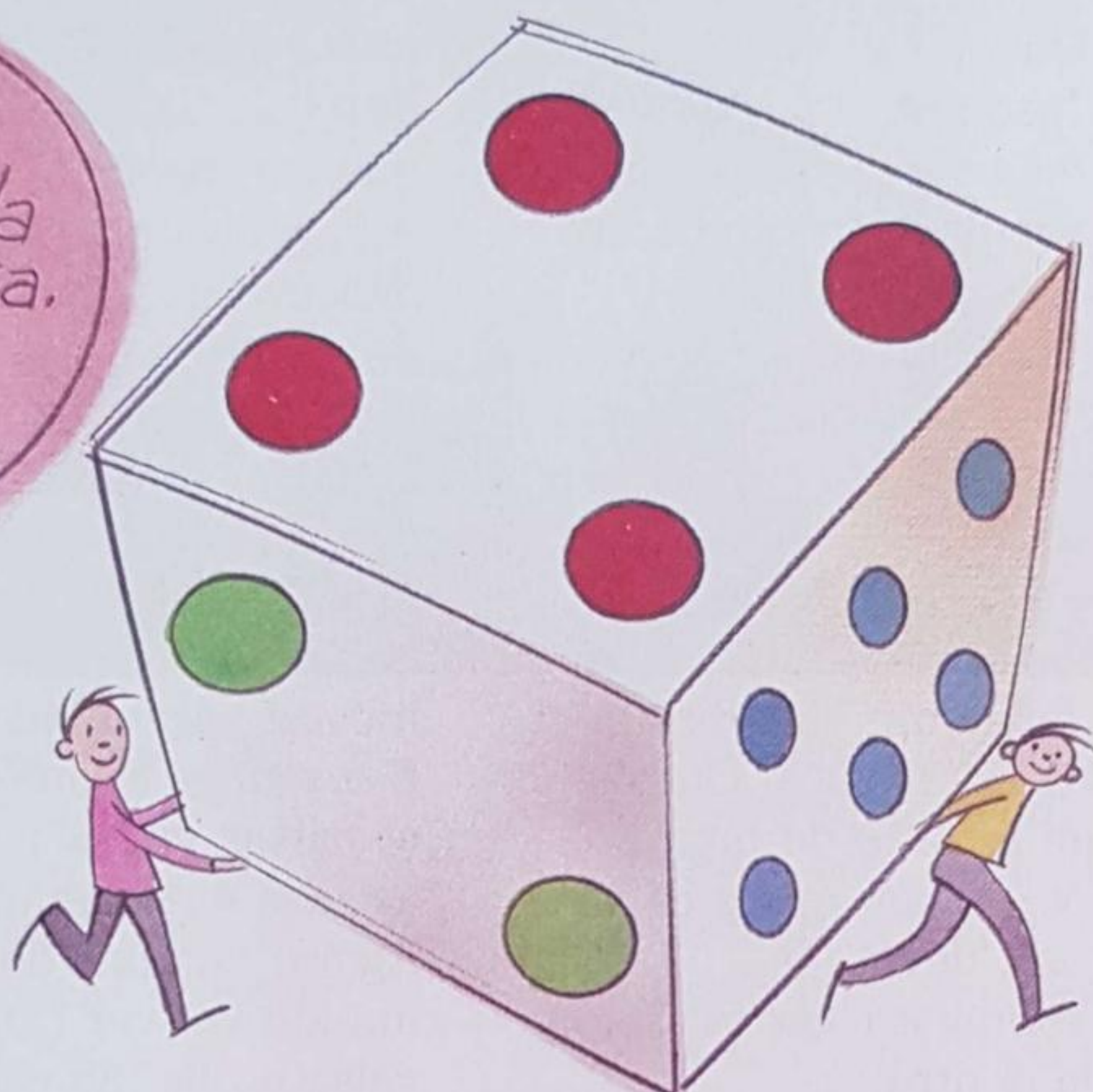
Quem será que colocou a caixa dourada na praça? Será que foi um presente de fada?



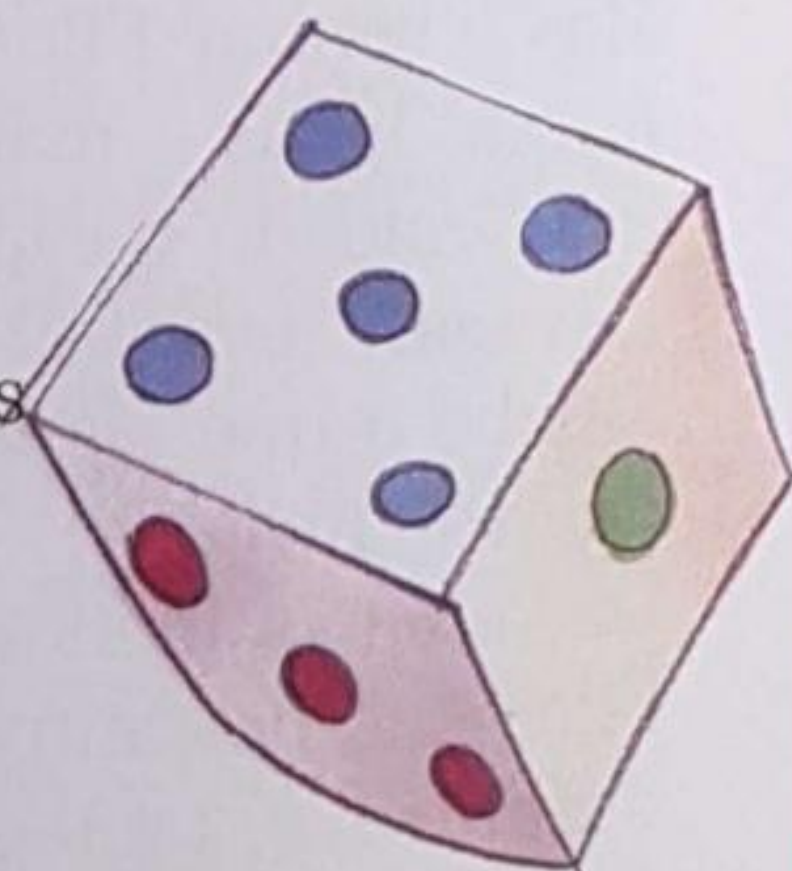
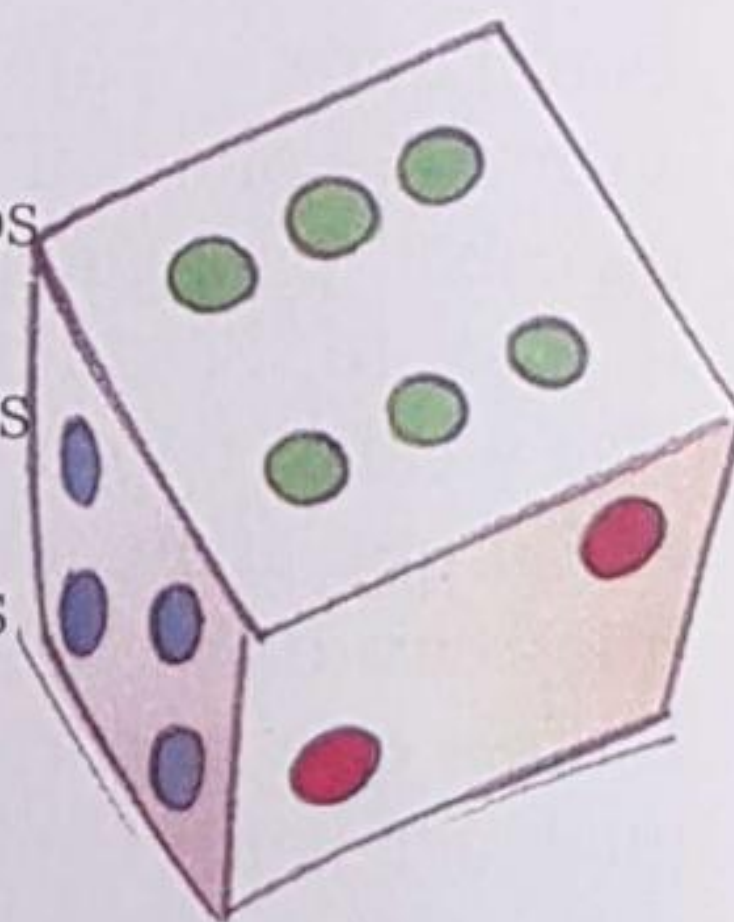
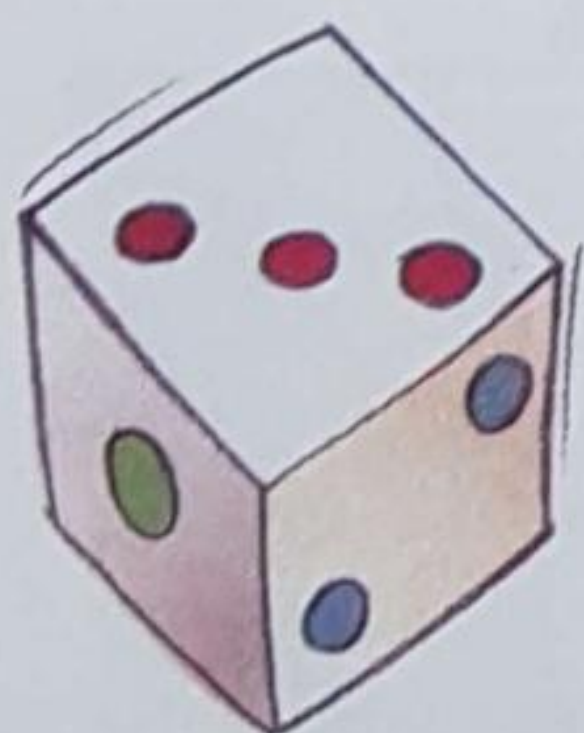
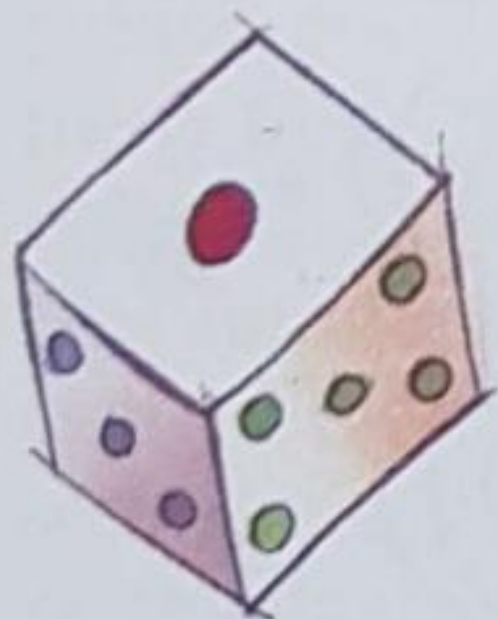
O dado bem dado



Esta história
precisa ser lida
muito depressa.
Quanto mais
depressa,
melhor!



Dadá pegou o dado com dois dedos
E deu o dado, bem dado, a Dedé
Dedé pegou o dado, bem dado, com três dedos
E deu o dado, bem dado, a Didi
Didi pegou o dado, bem dado, com quatro dedos
E deu o dado, bem dado, a Dodó
Dodó pegou o dado, bem dado, com cinco dedos
E deu o dado, bem dado, a Dudu
Dudu pegou o dado, bem dado, com seus dedos
E jogou o dado, dado, bem lançado
O dado, bem dado, quebrou em pedaços
Dentro do dado, bem dado, havia outro dado
Dudu pegou o dado e deu, bem dado, a Dodó
Dodó pegou o dado e deu, bem dado, a Didi
Didi pegou o dado e deu, bem dado, a Dedé
Dedé pegou o dado e deu, bem dado, a Dadá
Dadá jogou o dado, dado, bem lançado
E o dado, bem dado, quebrou de novo em pedaços
E dentro do dado, bem dado, havia outro dado
Dadá, que não era uma pessoa muito dada
Ficou zangada com tanto dado, dado
E deu o dado a um dado senhor
Que passava no momento ao seu lado
E como a dado, dado, não se olha os lados
O dado senhor pegou o dado, dado
E sumiu desta dada história
E não me foi dado compreender estes dados



O burro-leão



Para ler esta história, substitua as cores pelas palavras correspondentes:



burro



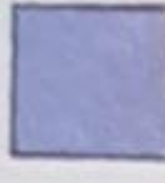
leão

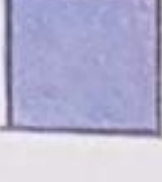


rei



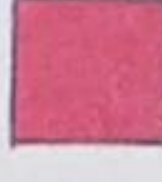
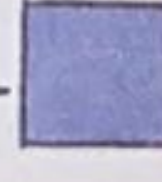
dono

Certo  resolveu vestir uma pele de  e achou que era o  dos animais. Ai, o  vestido de  resolveu dar um susto no seu .

O  chegou com a pele de  e quis dar um urro de .

Mas,  que era, deu um zurro.

O  , aborrecido, tirou a pele de  , montou no  e saiu chicoteando, dizendo:

—Toma,  - !

(Quem veste pele de  não deve dar zurro de ).



Ave, avestruz!

prof.com.partilhando



Será que você sabe que o avestruz é a maior ave do mundo?

É um passarão!

Benício era o nome daquele avestruz.

Media dois metros e meio de altura e pesava cerca de sessenta quilos.

Morava numa reserva florestal da África, num acampamento enorme.

Era casado com dona Avestruz.

Eles tinham acabado de chocar dois ovos de quarenta centímetros cada um E, agora, lá estavam os filhotes, do tamanho de uma galinha, piando aos gritos, famintos! Benício era muito guloso. Tinha um verdadeiro estômago de avestruz. Viviam fuçando no acampamento, comendo tudo o que via: lagartixa, pregos, moedas... Não demorou muito e acabou virando bicho de estimação do acampamento.

O pessoal morria de rir quando via Benício apostar corrida com os carros.

Ele corria a mais de setenta quilômetros por hora.

A grande novidade do acampamento era um helicóptero de carga.

De noite, no seu ninho, Benício comentava com dona Avestruz sobre a sua vontade de voar dentro daquele pássaro, lá no céu.

Dona Avestruz falava que ele tivesse juízo. Que ele era um pai de família com dois filhos para criar, não podia se arriscar. Mas, uma noite, Benício se escondeu bem escondidinho numa caixa vazia dentro do helicóptero.

E lá se foi Benício voando feliz, espiando por um burquinho da caixa.



O problema aconteceu no aeroporto.

Quando foram tirar a caixa, Benício saiu pulando. O pessoal da pista tomou o maior susto. O piloto, zangado, disse que ia depenar o Benício.

Mas não depenou. Ficou lá com os mecânicos dando risada!

No dia seguinte, voltaram para o acampamento. O pessoal riu muito com esta história.

Só dona Avestruz não gostou nada da aventura do marido, e falou:

— Um marido, pai de família, tem de ter responsabilidade, dar exemplo aos filhos. Onde já se viu?

Mas logo fizeram as pazes...

Magrelinha



Magrela, Magrelinha, este era o seu nome de cadela. (Venha cá, Magrelinha...)

Cadelinha vira-lata acuada na rua. Magra, pele e ossos, tremendo de frio e fome debaixo do banco de um jardim. O menino viu a Magrela, teve pena do seu ganido, do seu choro sentido. Levou a cachorrinha para casa no colo e tanto pediu que a mãe deixou que ele criasse a Magrela.

Também, um cachorro a mais, um cachorro a menos não fazia diferença. Eram muitos cachorros: quatro lindos perdigueiros, cães de caça.

Tudo naquela casa era em quantidade. Filhos? Cinco. Fora os afilhados, os amigos e os parentes que vinham do interior e ficavam lá hospedados. Magrelinha logo ficou bonitinha, mais gordinha. Bons tratos, comida farta. Banhos, remédios, vacinas...

Os meninos da família adoravam brincar com a Magrela.

Mas os donos da casa só tinham olhos para os cachorros de raça.

Ela podia fugir (e fugia) para zanzar por toda parte, e ninguém notava. Naquele dia, ela estava tomando sol na porta da casa quando Lena, a caçulinha de três anos de idade, apareceu sozinha na calçada. Magrela sabia muito bem como a sua amiga

Lena era levada e ficou prestando atenção nela. (Ainda bem!) De repente, Leninha começou a correr na calçada e já ia atravessar a rua bem na hora em que estava passando um carro em alta velocidade. Foi só o tempo da Magrelinha pular, segurar a saia dela com os dentes e dar um puxão para trás. Ela caiu sentada na calçada, e a babá, que estava na janela procurando a fujona, viu tudo e quase morreu de susto. (Coitada!) A história da Magrelinha foi contada em prosa e verso. E ela virou cachorra heroína. Conquistou um lugar importante na família.

E hoje, Dia dos Animais, o seu retrato saiu no jornal, e a legenda dizia que o cachorro é o melhor amigo do homem. E não é mesmo?



Se

prof.com.partilhando

2
Outubro



velino.

Se você tivesse uma varinha de condão
Espalharia sementes pelo deserto
E faria uma colheita maravilhosa
Para dividir com todas as famílias?



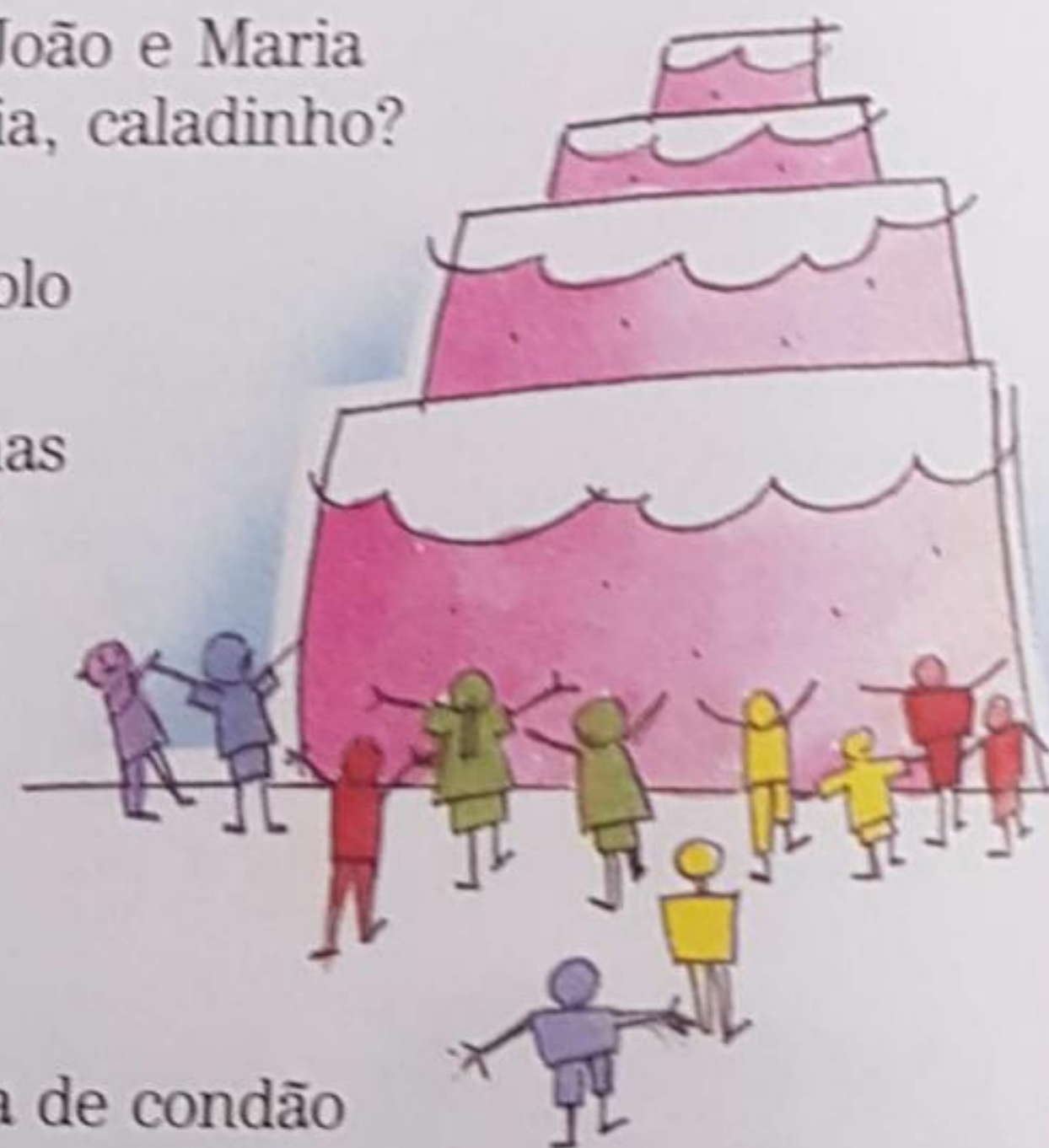
Ou será que você inventaria
Um rio de leite fresquinho
Para alimentar todas as criancinhas
Que estão de barriga vazia?



Se você tivesse uma varinha de condão
Separaria o joio do trigo
As plantas boas das daninhas
Molharia os campos e tudo floresceria?

Ou pegaria a sua varinha de condão
E faria uma casa de doces e balas
Como a da história de João e Maria
E você (sozinho) comeria, caladinho?

Ou, quem sabe, você faria um enorme bolo
Da altura de um poste (de chocolate)
E chamaria todos os meninos e meninas
E cada um comeria, rindo, uma fatia?



Se você tivesse uma varinha de condão
Daria um imenso banquete
Para os povos dos cinco continentes
Sentados, em paz, numa mesma mesa?



Se você não tem uma varinha de condão
Não faz mal, meu amigo, não
Basta cozinhar uma coisa gostosa
E dividir com quem você gosta

E se cada um de nós fizer o mesmo
Somando um a um cada prato
A nossa comida vai se multiplicar
E na hora de dividir com os outros
Todo mundo vai se alegrar

De mãos dadas



Na mão direita, eu tenho uma roseira.
Na mão esquerda, eu tenho
um passarinho.
Se eu juntar as minhas mãos, vou
ter uma roseira com um
passarinho pousado.
O que será que eu faço com os dois?
Será que você pode me ajudar?
O que você tem na sua mão direita?
Por favor, abra a sua mão para mim.
Ah! Na palma da sua mão tem um sol.
Você pode me emprestar esse sol?
(O passarinho está tremendo de frio.)
Que bom, agora ele está quentinho!
E, na sua mão esquerda, o que você tem?
Ah! Um gato! Meu Deus, um gato é muito
perigoso para quem tem um passarinho
pousado num galho baixo de roseira!
Segure esse gato, por favor, hem!
E eu vou por aqui, subindo meus dedos
pelo seu braço, passo (de leve) pelo seu
pescoço, seu rosto, chego no cocuruto
da sua cabeça... Hum, vou dar um cheiro...
E sabe o que tem aqui na sua cabeça?
Um ninho com dois lindos ovinhos!
Vamos pegar este ninho e colocar lá,

no alto da roseira. E o meu passarinho
já voou para o seu ninho, viu?
Aliás, passarinha, que está chocando
os ovinhos num sol gostosinho.
De repente, aparece o marido dela,
o senhor Bem-te-vi, com uma linda
minhoca de presente no bico.
E cadê o seu gato? Saiu correndo atrás
de um rato gordo! Ainda bem...
Agora, o que nós vamos inventar?
Passe, senhor Tempo, passe
Está na hora de passar
Os ovinhos dos passarinhos
Precisam logo chocar
O senhor Tempo passou. Os filhotinhos
nasceram peladinhos, piando — PIU! PIU!
Os pais bateram asas, contentes.
E a nossa história acabou muito bem.
Eu devolvo o seu sol e o ninho
com os passarinhos, está bem?
Os filhotinhos cresceram e voaram.
A minha roseira e os pássaros
também sumiram.
A história entrou por uma porta,
saiu pela outra. Peça ao seu pai para
lhe contar outra.



Luciano

A roda-gigante

2
Outubro

Querido diário:

Nunca pensei que gente grande tivesse tanto medo. Na minha cabeça de boneca, medo era coisa de criança. Medo do escuro, de dormir sozinha, de barata, de cachorro bravo, sei lá. Mas aquela tia Betta é medrosa, e eu não sabia. Ela tem medo de altura. No domingo passado, ela resolveu ir ao parque de diversões com aquelas sobrinhas dela (tão bobinhas) e a minha mãe, a menina Margarida. E lá fomos nós. Programa legal, não nego. Mas você vai ver só o que aconteceu! Fomos numa porção de brinquedos. Pula-pula, montanha-russa (fantástica), trem fantasma (com aquela porção de fantasmas gritando). A tia Betta não teve medo nem nada. Mas, aí, ela resolveu subir na roda-gigante com a gente para ver a paisagem lá de cima. Nós entramos numa fila enorme, mas chegou a nossa vez. A Clarinha e a Aninha ficaram juntas numa cadeira da roda-gigante e a tia Betta sentou comigo e minha mãe. No princípio, a roda rodava e a tia Betta dava até risada,

dizendo que estava sentindo um frio gostoso na barriga.

Então, a roda parou para descer os passageiros e nós ficamos paradas lá em cima de tudo. Para quê?

A tia Betta começou a gritar que queria descer, que não queria ficar lá pendurada, que estava com falta de ar, que ia morrer, desmaiar, cair!

O dono da roda-gigante não ouvia nada, continuava rodando a roda devagarinho, parando para as pessoas descerem.

A minha mãe começou a chorar e as duas gritaram tanto que o dono acelerou tudo. Nós descemos na frente dos outros e, logo em seguida, descemos as meninas.

Quando a tia Betta quis se levantar, as pernas tremiam tanto que ela não conseguia andar. Um vexame.

Aí, ela disse para todo mundo que tinha medo de altura! Imagine! Agora, diga, meu diário, quem tem medo de altura deve ou não andar de roda-gigante? Me diga...

Um beijo da sua amiga.

Gigi

SOS bichos

prof.com.partilhando



— Quem vem lá?
— Sou eu, cavaleiro, sou eu
Sou um bicho selvagem
Com um lindo corpo todo pintado
Gosto de viver nas matas, em liberdade
Não quero virar um capote de pele
Nas vitrinas de uma grande cidade

— Quem vem lá?
— Sou eu, meu amigo, sou eu
Sou um bicho de penas bem compridas
Tenho uma cauda muito colorida
Que se abre e fecha como um leque
Não quero ser maltratado, depenado
Para virar enfeite requintado

— Quem vem lá?
— Sou eu, meu irmão, sou eu
Sou um bicho rastejante
Com uma boca enorme
Cheia de dentes ferozes
Gosto de viver nos rios e mangues
Tenho uma pele muito bonita
(Para proteger a minha vida)
Não acho a menor graça
Em virar bolsa, cinto, sapato...

— Quem vem lá?
— Sou eu, companheiro, sou eu
CURRUPACO, PAPACO eu falo
Não quero ser preso, caçado
Numa gaiola engaiolado
Levado para a terra dos gringos
Para dizer: — Hello! Good morning!

— Quem vem lá?
— Sou eu, meu filho, sou eu
Sou um bicho bem grande
Pareço um barco flutuante
Mergulho no mar profundo
Esguicho água no mundo
Não quero ser arpoada, pescada
Preciso ter a vida preservada

— Quem vem lá?
— Sou eu, irmãozinho, sou eu
Sou um pobre bichinho de quintal
Ponho os ovos todo dia no ninho
A ninguém costumo fazer mal
Quero ser bem tratada
Quando for num caminhão transportada
E que a minha ração seja balanceada

— Quem vem lá?
— Sou eu, meus companheiros, sou eu
O chefe deste Congresso dos Animais
Estamos todos aqui reunidos
Para lançar o nosso apelo
Para falar do nosso desejo
De viver em paz neste planeta
Porque todos os seres vivos
Planta, gente ou bicho
Têm os mesmos direitos
Direito à vida, proteção e respeito



Amiga Ursa



De uma floresta no norte da Europa, João Grilo, repórter internacional da *Folha Florestal*, nos enviou por *fax* uma entrevista com dona Ursa Parda, antes que ela entrasse em hibernação, seu longo sono de inverno.

REPÓRTER: Dona Ursa, a senhora já preparou a sua toca para o inverno?

URSA (contente): Ah, este ano descobrimos uma linda caverna, confortável, bem escondida.

REPÓRTER: Quanto tempo a senhora pretende ficar hibernando, dormindo?

URSA: O inverno todo, como sempre. É a época também em que nascem os nossos filhotes.

O ano passado tive estes dois ursinhos, que você está vendo aqui!

REPÓRTER: E quando é que a senhora costuma sair da toca?

URSA: Quando chega a primavera e acaba o frio. (Quem consegue resistir a uma primavera?) Aí, os filhotinhos que nasceram na toca já estão grandinhos, precisam sair de casa e conhecer as coisas da vida!

REPÓRTER: A educação de um ursinho é muito difícil, trabalhosa?

URSA (sorrindo): Os bebês sempre dão muito trabalho, mas dão muita alegria também. Depois, o filhote mais velho da outra ninhada me ajuda a cuidar dos irmãozinhos. Como se fosse uma babá.

REPÓRTER: Existe nesta floresta alguma escola especial para ursos?

URSA: Não. Nós mesmos ensinamos aos nossos filhos tudo o que eles precisam saber. Subir em árvores, pescar, descobrir formigueiros, colméias. Em dois anos ficam formados.

REPÓRTER: Os ursos pardos vivem só no norte da Europa?

URSA: Nada disso, muitas das nossas famílias vivem lá longe, na Ásia.

REPÓRTER: Quanto pesa, normalmente, um urso adulto, dona Ursa?

URSA: Cerca de trezentos quilos. Somos um peso pesado. Mas, na hora de correr, ninguém nos pega. Fazemos mais de quarenta quilômetros por hora.

Daí, os dois filhotes da dona Ursa resolveram brincar com uma colméia cheia de abelhas. E o nosso amigo João Grilo encerrou a entrevista.

Nossos direitos



(Beto recebeu de presente do tio Ismar a Declaração Universal dos Direitos da Criança e fez logo uma poesia para festejar o seu dia.)

Ser criança não é fácil
Vocês não pensem que é
Criança nasce pelada
E precisa ser muito cuidada

O gato nasce com pêlo
A tartaruga nasce com casca
No pássaro nascem as penas
E na criança não nasce nada

A criança precisa de roupas
De cobertor, manta e sapatos
A criança precisa de berço
De colo, carinhos e abraços

A criança não sabe falar
Não tem nome, precisa ser batizada
Precisa de uma casa amiga
Para ficar bem protegida

A criança precisa de médico
Para ser logo vacinada
Vacina contra tudo que é doença
Para ficar forte e saudável

Criança que não tem dinheiro
Tem na vida os mesmos direitos
A criança precisa ser educada
Frequentar um colégio de graça

Se a criança é deficiente
Se nasceu de um jeito diferente
Tem de ser ainda mais cuidada
Para viver com a gente, contente

Criança tem o direito
De ser socorrida logo, na frente
No caso de acontecer acidentes
Enchentes, incêndios, calamidades

Criança não pode ser explorada
Trabalhando para gente grande
Não pode também ser abandonada
Pelos seus pais na vida largada

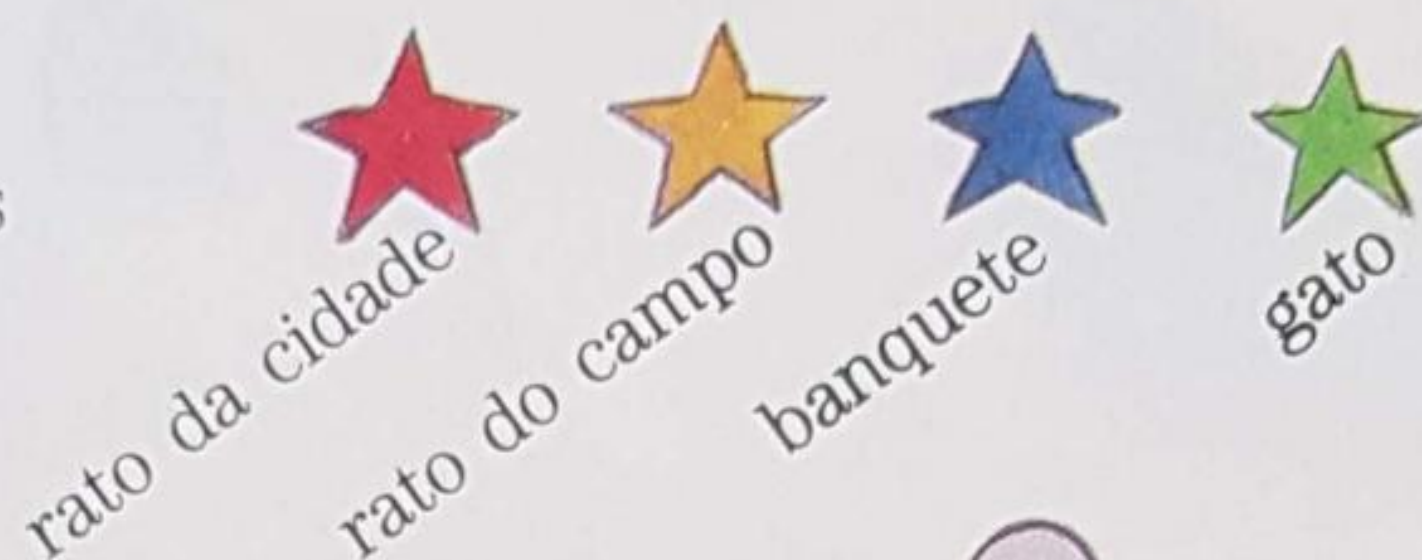
Todas as crianças do mundo
São irmãs de coração
Sem pensar na sua cor
Nem tampouco na sua religião

Crianças do mundo inteiro
Vamos todas dar as mãos
Fazendo uma imensa roda
Abraçando esta Terra que é nossa

VIVA O DIA DA CRIANÇA!

O banquete

Para ler esta história,
substitua as estrelas pelas
palavras indicadas.



Um rico ★ convidou um
pobre ★, seu primo, para um ★
na sua casa.

O ★ foi interrompido
três vezes pelo miado de um
terrível ★.

O ★ e o ★ tiveram de se
esconder debaixo da mesa.

Aí, o ★ disse que preferia
roer um grão de milho em paz do
que comer um ★ com medo de ★.

E foi embora desta história...

O sapo no vaso



(Composição que o menino Beto fez para sua professora)

De todas as professoras que existem no mundo, a minha é a melhor. Ela sabe tudo de cor.

De cor e salteado. Parece computador. Sabe também fazer todas as contas sem máquina de calcular. Sabe até frações. Sabe resolver problemas difíceis. Fazer a classe ficar quietinha, depois de fazer muita anarquia.

Como no caso do sapo no vaso.

A minha professora estava escrevendo no quadro-negro, de costas para a classe, quando um sapo deu um pulo do vaso de flores e caiu em cima da mesa dela.

E lá ficou pulando, pulando.

A classe toda deu para rir e gritar:

— Olhe o sapo, o sapo, professora!

Vocês pensam que ela desmaiou, deu chilique, gritou? Nada disso!

Apanhou uma flanela do quadro-negro e enfrentou o sapo cara a cara.

Jogou a flanela em cima dele, pegou o sapinho com a mão e soltou pela janela com muito cuidado.

E deu muita risada.

Depois, fez a classe toda cantar aquela

música do sapo:

Sapo cururu

Da beira do rio

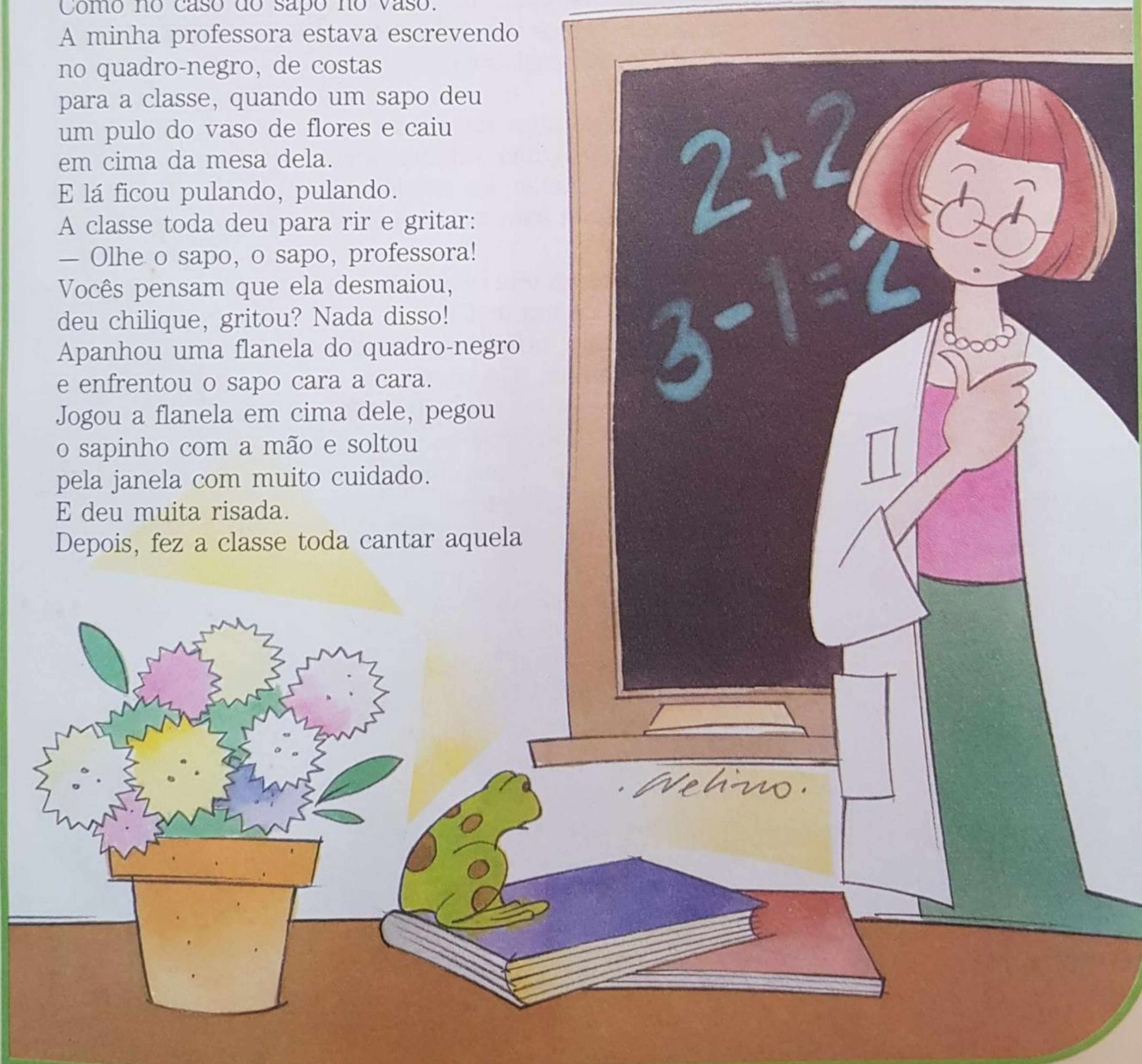
Quando o sapo canta, maninha

É porque está com frio

Ninguém pode com ela.

Ela é mais ela.

(Agora, eu quero dizer para vocês que eu sei quem botou o sapo no vaso, mas não posso dizer, quanto mais escrever. Mas também sei que isso não é coisa que se faça.)



Professora do coração

*(Poesia que a menina Margarida fez
para a sua professora)*



Joguei meu lápis para cima
Ele caiu rolando no chão
Escrevendo por toda parte
Professora do meu coração

Minha professora é muito sabida
Sabe coisas que até Deus duvida
Sua cabeça parece um dicionário
Onde tudo está registrado

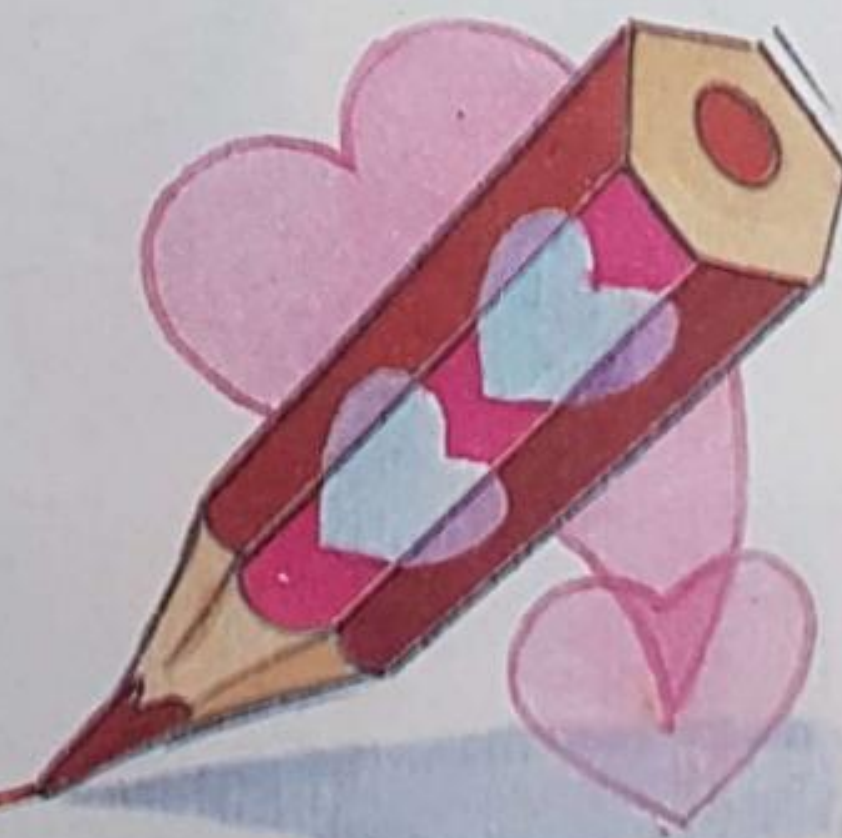
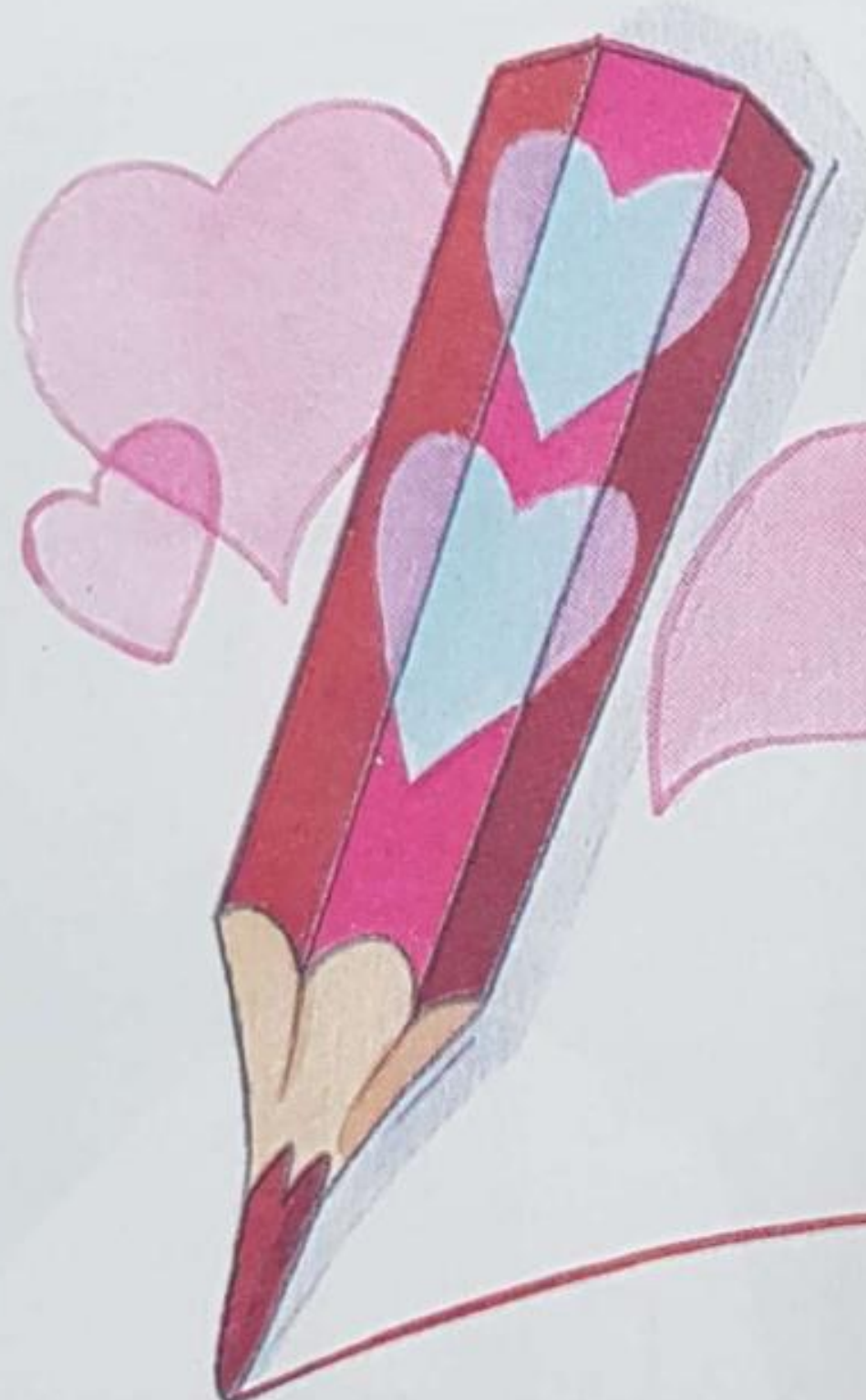
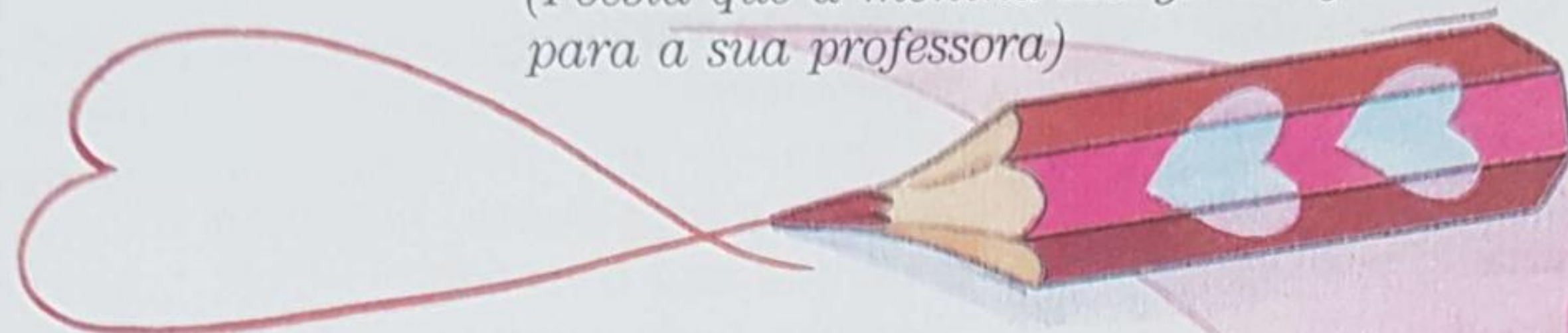
Ela entende de números e letras
De história, geografia e matemática
Sabe de cor o nome dos presidentes
Nomes de gente famosa viva ou morta

Minha professora tem o coração
Do tamanho de um melão
Quando eu caio, no recreio, ela diz:
— Minha filhinha, não chore, não

Ela sabe dar risada gostosa
Das coisas bobas da meninada
Sabe falar forte, reclamar
Mas sabe falar macio, agradar

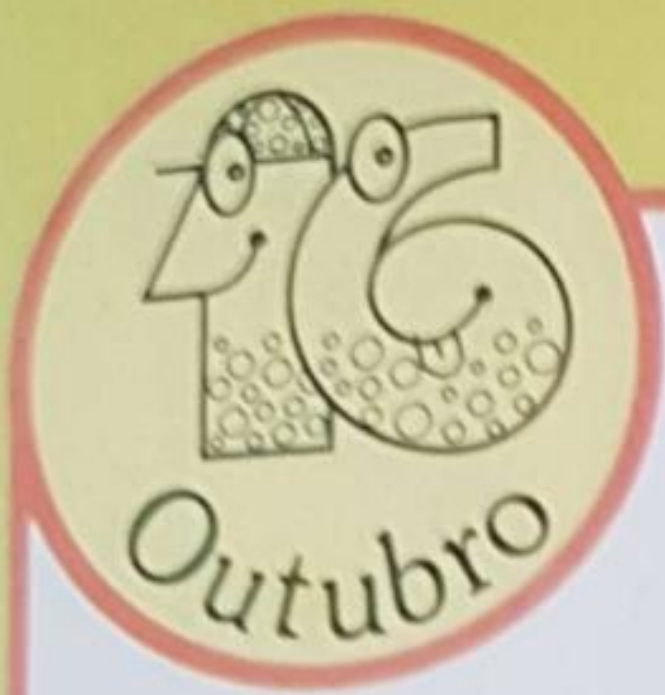
Ela corrige minhas provas
Dando as notas bem certinhas
Ela não é professora injusta
Ela faz tudo com justiça e carinho

Por isso, jogo meu lápis de novo
Ele cai rolando no chão
Escrevendo esta poesia bonita
Para a professora do meu coração



miniam

O papa-formiga



Esta história tem de ser contada bem baixinho, ao pé do ouvido. PSIUUUUU! Eu vou

começar a contar...

Uma certa formiguinha, com medo da sombra de uma folha de bananeira, entrou correndo no formigueiro e segredou no ouvido de uma outra:

— Tem um monstro horroroso lá fora!

A outra formiguinha, muito assustada, saiu correndo e falou no ouvido de uma outra formiguinha:

— O monstro tamanduá está chegando!

Ela ficou branca como cera e falou no ouvido de outra formiguinha:

— O tamanduá papa-formiga chegou!

Está tudo acabado, é o nosso fim!

Esta formiguinha tremeu as suas antenas e cochichou no ouvido de outra, tremendo de medo:

— É o fim do mundo. O monstro tamanduá, o terrível exterminador de formigas, chegou!

A formiguinha quase morreu de medo.

Deu um pinote e caiu estatelada, desmaiada no chão. Depois, criou coragem e foi falar com a rainha das formigas na sala real.

A rainha concedeu uma audiência e ela, ajoelhada, tremendo, sussurrou:

— É o fim do mundo, majestade, o tamanduá-bandeira chegou!

A coroa da rainha balançou de medo...

Ela chamou os seus ministros e, muito baixinho, segredou:

— Chegou a hora H. Estamos sendo atacados por um terrível tamanduá.

Os ministros reais tremeram nas suas bases e sussurraram entre si:

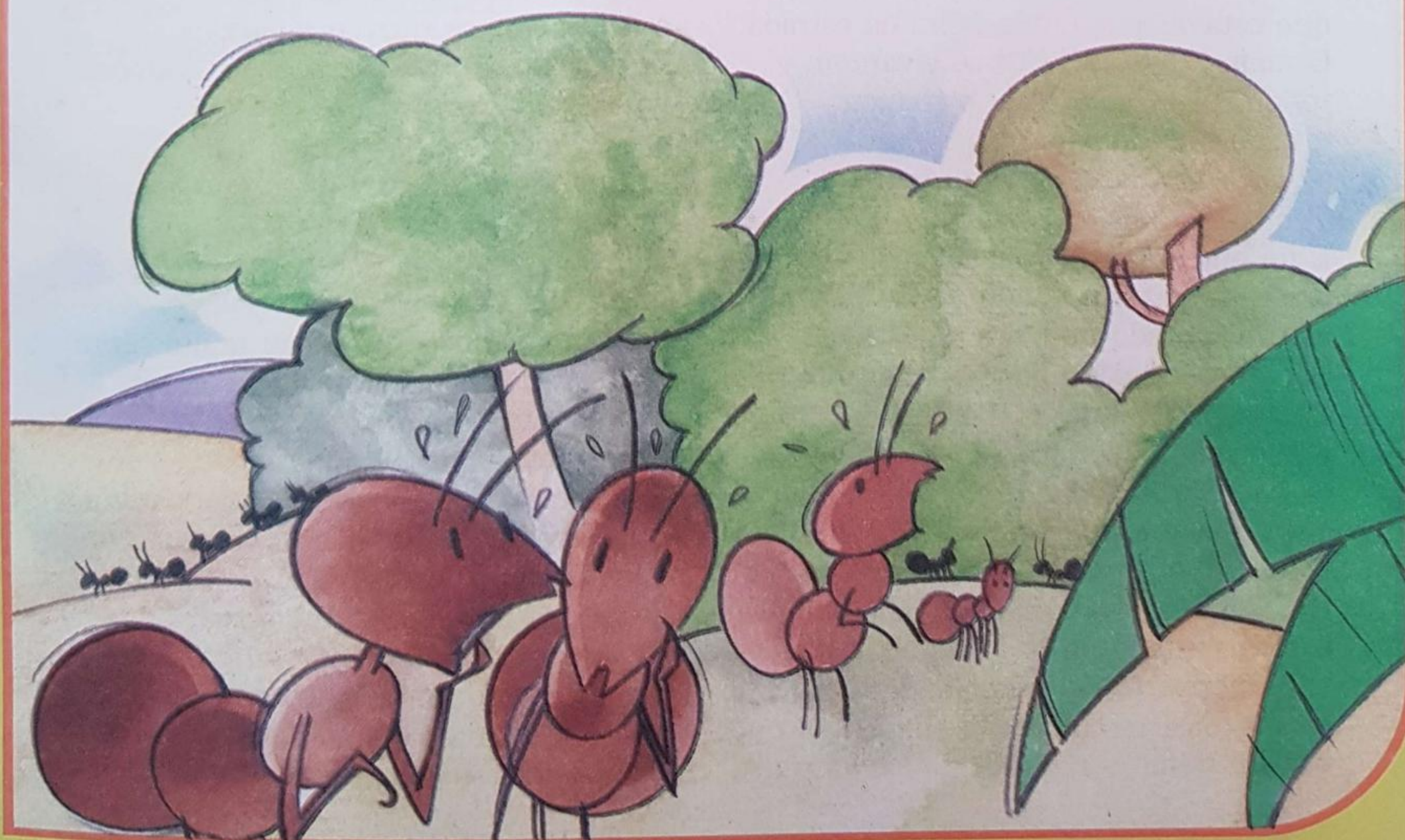
— Pronto! A nossa mordomia acabou!

E todos saíram correndo atrás da rainha, repetindo, baixinho:

— Lá vem o tamanduá, salve-se quem puder! Corram! Corram!

E foi assim que aquele formigueiro acabou, com todas as formigas fugindo, correndo do tamanduá pela mata adentro.

PSIUUUUUU... A nossa história acabou!



Ladrão de história

prof.com.partilhando



Naquela noite, vovó Candinha não queria contar histórias, mas a gente tanto pediu que ela contou, assim...

— Era uma vez um bando de ladrões que estava sentado na beira da estrada. O mais velho de todos se levantou, tossiu, pigarreou, tirou o chapéu e falou muito sério:

— *Ladrão que rouba ladrão
Tem cem anos de perdão...*

E foi embora para roubar outro ladrão. Era uma vez um bando de ladrões que estava sentado na beira da estrada. O número dois do bando se levantou, tossiu, pigarreou, tirou o chapéu e falou muito sério:

— *Ladrão que rouba ladrão
Tem cem anos de perdão...*

E foi embora para roubar outro ladrão. Era uma vez um bando de ladrões que estava sentado na beira da estrada. O número três do bando se levantou, tossiu, pigarreou, tirou o chapéu e falou muito sério:

— *Ladrão que rouba ladrão
Tem cem anos de perdão...*

E foi embora para roubar outro ladrão.

— Mas quantos ladrões eram, vovó?

— Quarenta ladrões. Que nem o Ali Babá e os quarenta ladrões.

— E, depois, o que aconteceu? Vamos, vovó, conte logo!

— Ah, meninos, já vou contar...

Era uma vez um bando de ladrões que estava sentado na beira da estrada. O mais moço deles se levantou, tossiu, pigarreou, cuspiu no chão (ladrão muito mal-educado) e falou muito sério:

— Eu vou sair desta história, estou cansado de ficar parado, sentado.

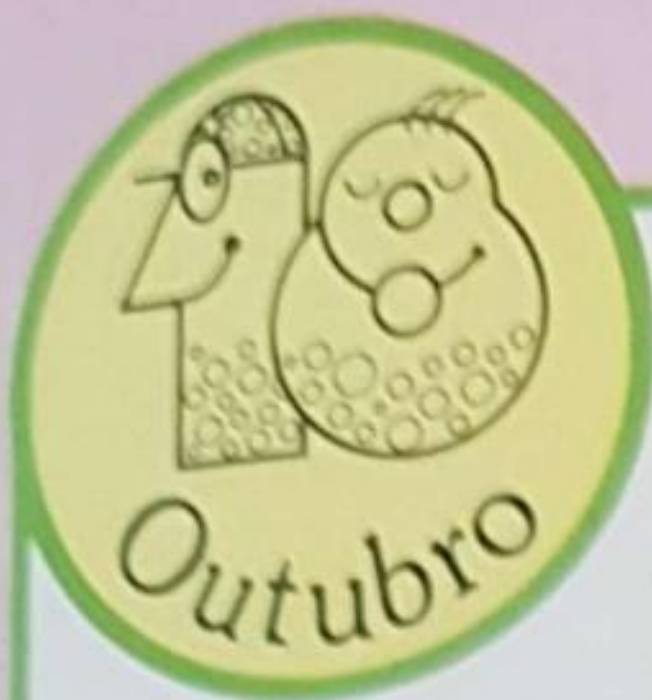
E levou o resto do bando embora.

E eu fiquei sem saber o fim da história, com este bando de ladrões solto por aí. (Que perigo!)

E vovó Candinha foi embora falando:

— Era uma vez um bando de ladrões que roubou o fim da minha história. Mas isso não tem cem anos de perdão, não. Pois eu não sou nenhum ladrão...

Alegria na boca



A fadinha Edith era a mais alegre, a mais animada das fadas culinárias.

Tudo o que ela fazia na cozinha dava alegria na boca. Parecia mágica. Como toda fada culinária do mundo, perto dela vivia uma bruxa gulosa, louca para devorar suas guloseimas. A fada Edith escondia as suas iguarias, principalmente os seus pãezinhos, famosos em todo o reino, num guarda-comida trancado a sete chaves. Um dia, a bruxa, furiosa porque não conseguia abrir o guarda-comida, resolveu estragar o trabalho da fada. Botou feitiço nos seus famosos pãezinhos com folhas de espirradeira. E a fadinha já começou a espirrar na cozinha, enquanto fazia os pães:
— ATCHIMMM! ATCHIMMM! Ai de mim! E os atchins continuaram. Todo mundo que comia os pãezinhos espirrava. Só se ouvia por toda parte:
— ATCHIMM!
E ninguém mais queria saber de encomendar os seus pãezinhos.



Foi aí que apareceu um passarinho verde, amigo da fadinha, e contou tudo o que a bruxa fez, tintim por tintim. E, muito sabido, disse que a fadinha tinha de virar o feitiço contra o feitiço, fazer a bruxa espirrar. Assim, o feitiço dos pãezinhos acabava. A fadinha Edith depressinha conseguiu suco de espirradeira e fez com ele o doce que a bruxa mais gostava: doce de batata-doce em quadradinhos.

E fingiu que esqueceu lá na cozinha. A bruxa gulosa apareceu logo e, com a sua bocona de bruxa engolidora, engoliu de uma só vez os docinhos. O espirro que ela deu se ouviu em todo o reino, de ponta a ponta:
— ATCHIMMMMMMMMMMMMMMMMMMM!
E a nossa fadinha Edith parou de espirrar e pôde continuar a fazer em paz os seus pãezinhos.
— ATCHIMMMMMMMMMMMMMMMMMMM!

Macaco Felipe



— Macaco Felipe, por que você não quer ir mais para a escola?

— Porque cansei, ora! Que coisa mais boba ter de ir para a escola todo dia.

Fazer tudo na hora certinha. Depois, eu sou muito sabido, não preciso estudar!

E o que será que os pais do macaco Felipe fizeram? Você pode me contar? Fizeram muito, pediram, insistiram, reclamaram, explicaram:

— Filho, meu filho, onde já se viu parar de estudar nesta idade? Você vai ficar analfabeto! Não vai saber ler o mato. Descobrir se um bicho passou por ali ou por aqui. Não vai saber escolher as bananas: banana-ouro, banana-prata, banana-maçã... São tantas as bananas na vida!

Não vai saber sobreviver na selva...

O pai dele pediu, a mãe até implorou. Mas não conseguiram nada!

Depois, foram até a escola falar com o macaco mestre. Fizeram uma reunião cheia de cambalhotas e caretas.

E chegaram à conclusão de que nada podia ser feito. O macaco Felipe tinha de aprender sozinho a viver.

E o macaco Felipe lá ficou, na árvore da sua família, sem fazer nada, pulando de galho em galho, inventando

macaquices: puxar o rabo do tatu, acordar a preguiça, assustar a coruja, beliscar o bumbum da oncinha.

Mas estas macacadas, aos poucos, foram perdendo a graça e ele acabou passando os dias parado, cochilando num galho.

Até que chegou o Dia dos Macaquinhos, a grande festa anual da macacada.

A escola preparou um lindo desfile com banda de música, porta-estandarte, baliza e tudo. Só você vendo...

Os macaquinhos marchavam em filas, com um lindo boné de gala na cabeça.

As macaquinhas desfilavam bailando, enfeitadas com flores, sob aplausos.

Só faltava mesmo o macaco Felipe.

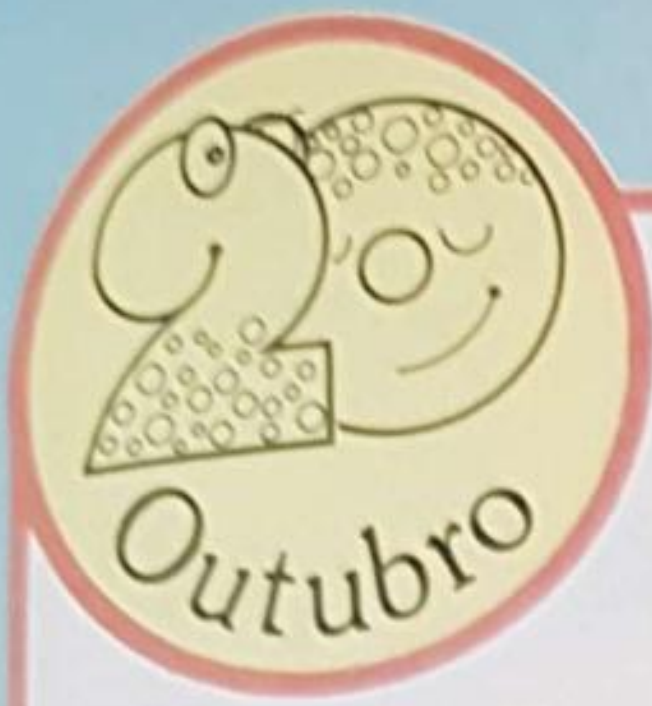
Quando a gente menos esperava, ele apareceu com a sua clarineta e entrou no seu lugar na banda.

Foi assim que o macaco Felipe voltou para a escola, tocando clarineta!

E lá ficou até se formar, virar macaco velho, desses que não metem a mão em cumbuca, mas que sabem fazer tudo com muita sabedoria...



Dona Cegonha



Peço licença para me apresentar. Sou uma cegonha branca, com manchas pretas nas asas.

Nasci na Alemanha.

Felizmente, sou muito bem casada.

Tenho um marido fiel e carinhoso.

Todo ano, voamos juntos no inverno, procurando as terras quentes.

Mas sempre voltamos para o ninho, nosso lar, doce lar.

Fizemos o ninho no telhado da casa do senhor Franz. Ele gosta muito que a gente more lá. Diz que cegonha dá sorte. E dá mesmo (modéstia à parte).

Mas o caso que eu quero contar aconteceu na primavera passada.

Tudo porque um amigo do senhor Franz resolveu que eu ia fazer a campanha de controle da natalidade. Ele me levou para o estúdio fotográfico. Meu marido ficou lá no telhado.

Eu tinha de fazer uma foto carregando uma criancinha num pano no meu bico.

A campanha era assim:

PLANEJE A SUA FAMÍLIA.

DEIXE A CEGONHA VIVER EM PAZ.

(Porque existe uma velha história, que contam por aí, que a gente traz os bebês no bico para as mães e os papais deles.)



Bem, eu até estava achando muito divertido aqueles fotógrafos em volta de mim fotografando.

O bebê era lindinho, mas muito chorão.

Chorava o tempo todo. Eu fiquei

com pena do bebê e resolvi dar uma voltinha com ele, uma voadinha.

Levantei vôo com o meu lindo bebê pendurado no meu bico. Ele parou logo de chorar e começou a rir, animado.

Foi então que eu resolvi mostrar o bebê ao meu marido lá no nosso ninho, no telhado do senhor Franz.

Aí, começou uma confusão danada.

Depois, eu soube que a mãe do bebê desmaiou quando me viu levantando vôo com o filho dela pendurado.

Chamaram os bombeiros, a polícia, o batalhão anti-sequestro, as redes de televisão, os jornais. (Uma bobagem!)

Eu só sei dizer que, daí a pouco, o nosso telhado ficou cercado

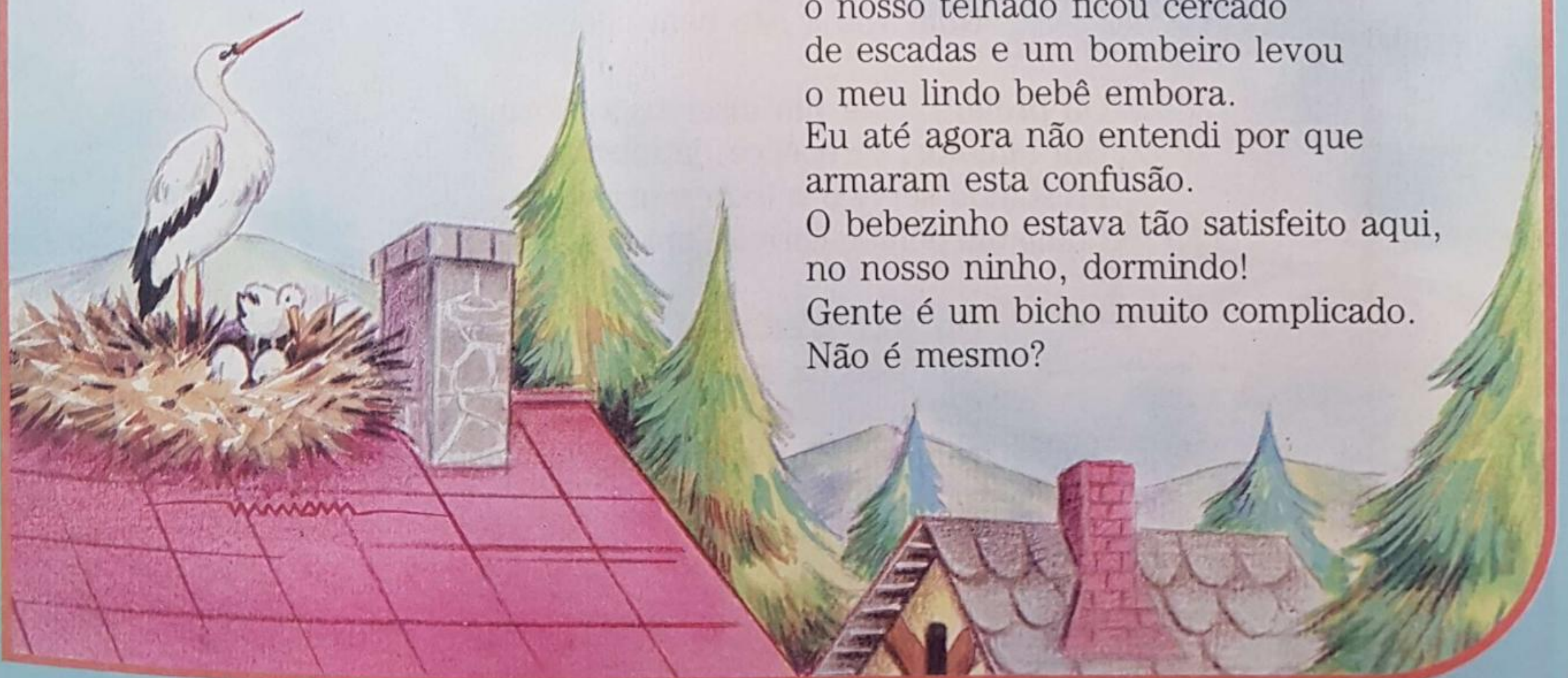
de escadas e um bombeiro levou o meu lindo bebê embora.

Eu até agora não entendi por que armaram esta confusão.

O bebezinho estava tão satisfeito aqui, no nosso ninho, dormindo!

Gente é um bicho muito complicado.

Não é mesmo?



Se

Outubro

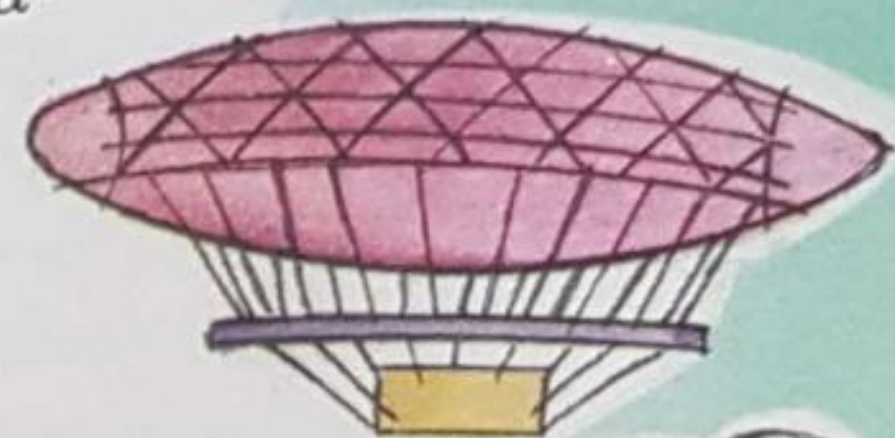


Se você pudesse voar
Seria um pássaro, passarão, passarinho
Leves asas cobertas de lindas penas
Atravessando o céu com alegria?



Ou pediria por favor, com licença
Ao famoso brasileiro Santos Dumont
E seria o 14 Bis, o seu primeiro avião
Conquistando o céu com ousadia?

Ou subiria até as nuvens
Com a graça de um antigo balão
Um dirigível mais leve do que o ar
Aproveitando os ventos para passear?



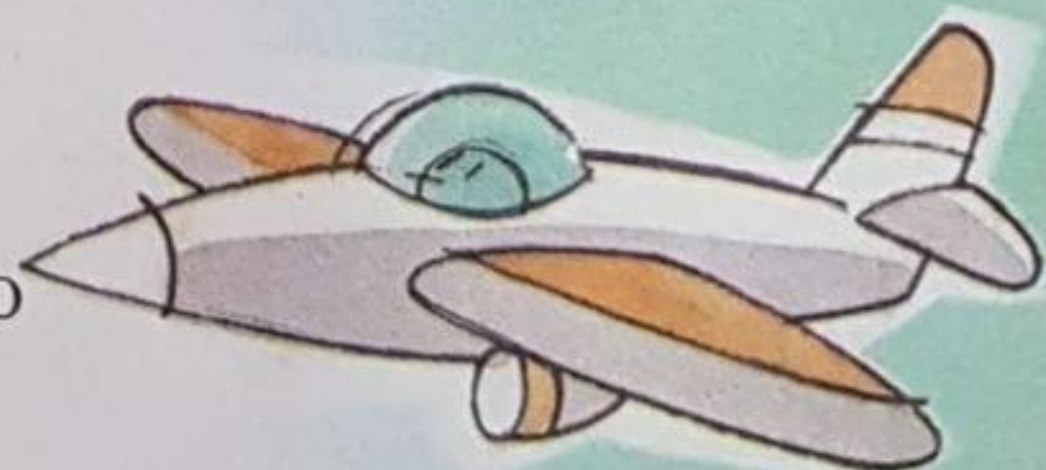
Será que você gostaria de ser
Um terrível avião de guerra
Carregado de bombas e mísseis
Espalhando a destruição com um clarão?

Ou entraria numa esquadrilha de aviões
Vivendo como um artista todos os dias
Fazendo no céu malabarismos, acrobacias
Escrevendo com as asas suas poesias?

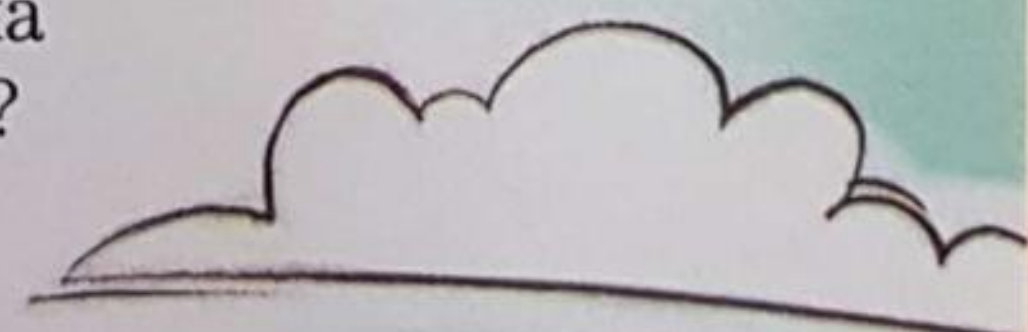


Quem sabe, você queria ser
Um imenso avião de passageiros
Ligando todos os continentes
Num vôo a jato bem ligeiro?

Ou preferiria ser um discreto aviãozinho
Um bimotor, turboélice, jatinho
Prestando serviço a todo mundo
Como um pombo-correio, um passarinho?



Ou você gostaria de voar livremente
Nas asas da sua própria fantasia
Ser anjo, super-herói, fada, bruxa
Numa eterna aventura de magia?



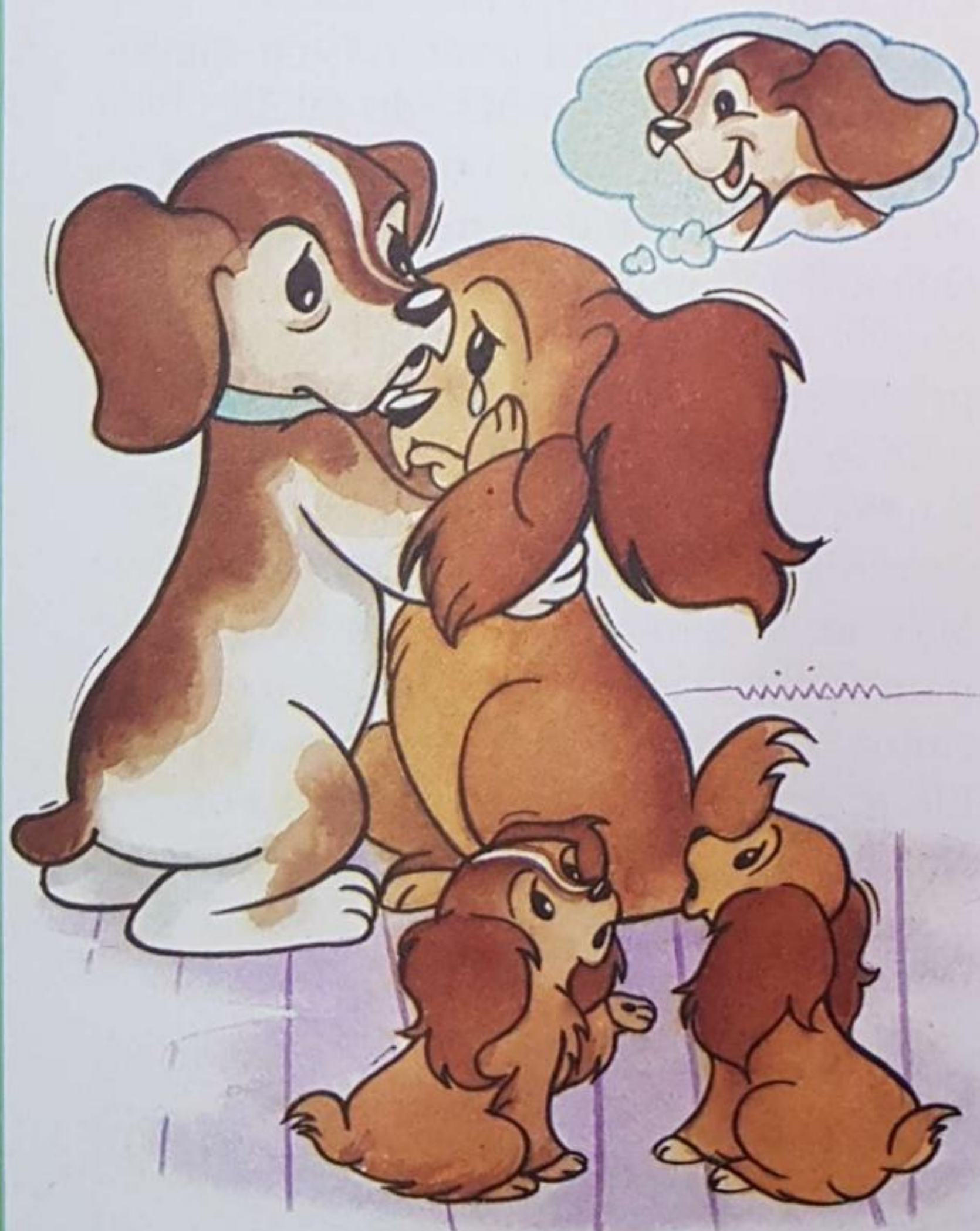
O fujão



Outubro

Ser uma cadela mãe não é fácil. Esta semana tivemos de chamar o detetive Euclides (aquele mesmo que me achou quando eu fugi de casa com o Rex) porque o meu filho, o Fox, sumiu. Mas deixem que eu conte tudo o que aconteceu, direitinho.

Fui dar uma voltinha no curral, com o meu marido Rex, e deixamos os filhotinhos tomando sol ali, na porta da cozinha. Quando voltamos, não encontramos o Fox. Perguntei às suas irmãzinhas, elas não sabiam de nada. Começamos a farejar por todos os cantos, e nada... nem sinal do meu pobre filhinho sumido.



À medida que o tempo passava, eu comecei a ganhar, desesperada. O dono do sítio veio ajudar, mas a noite ia chegando, e o Fox continuava sumido. Foi aí que ele resolveu chamar o detetive Euclides.

Eu não sabia mais o que pensar: rapto, seqüestro, afogamento?

Até que chegou o detetive no seu Ford Bigode, buzinando, ali na cancela.

Ele já saltou do carro com a sua lente na mão, fazendo perguntas.

Depois, partiu para a ação com todos atrás dele, passo a passo.

Primeiro, ele entrou na casa.

E revirou tudo (os lugares mais incríveis do mundo).

Depois, partiu para o mato. Já estava escurecendo, ele pegou uma lanterna e lá fomos nós atrás dele.

Meu coração de mãe chorava...

O detetive não dizia uma palavra.

Parecia um cachorro farejando o chão.

Eu já tinha perdido as esperanças quando ele encontrou um rastro.

E fomos todos bem depressa seguindo o rastro. E, aí, eu ouvi (ai, que emoção) o chorinho do meu filho.

O Rex e eu saímos farejando que nem loucos e encontramos o Fox.

Sabem onde? Dentro de um oco de um pau, bem lá no fundo.

Preso no escuro, coitadinho!

O resgate do meu filhinho foi emocionante, jamais vou esquecer.

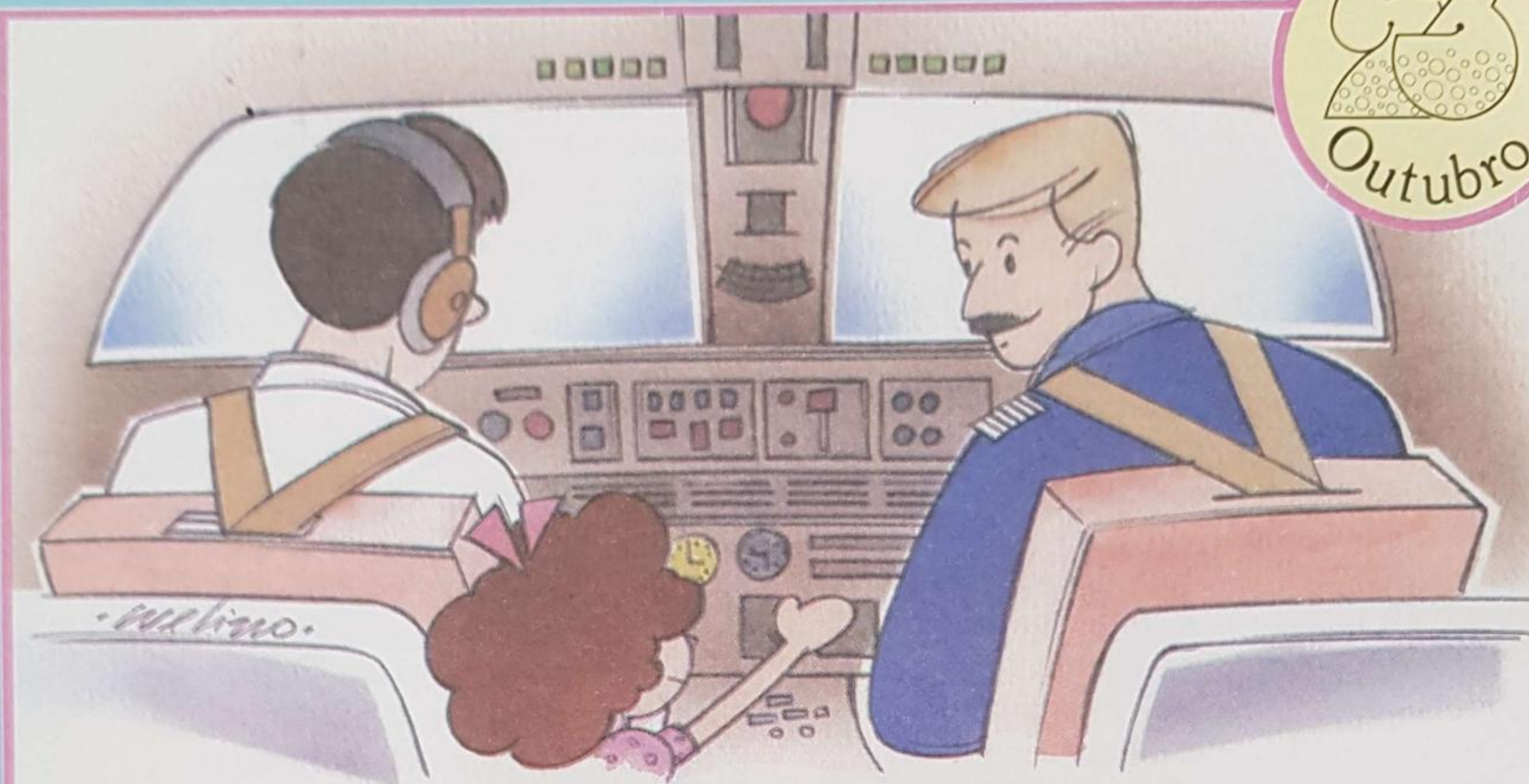
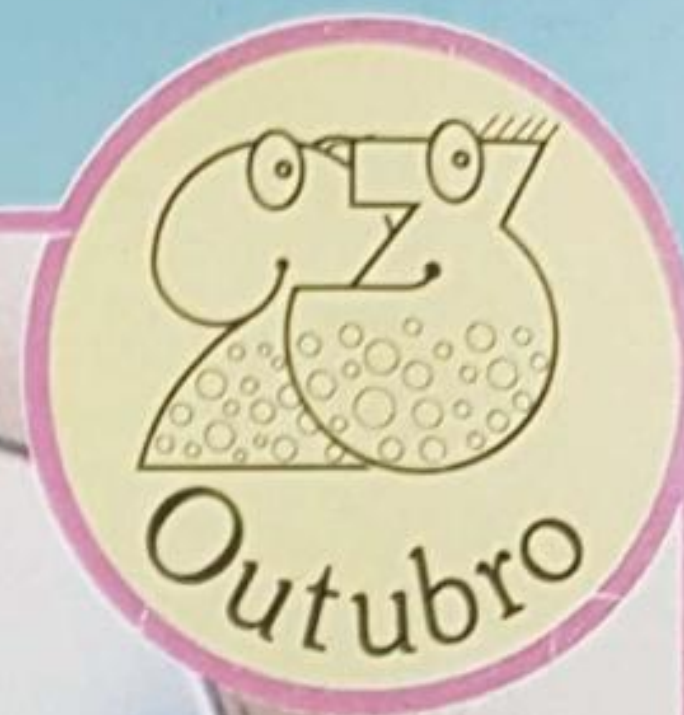
Mas, de uma hora para outra, lá estava eu lambendo o seu focinho...

Voltamos para casa muito felizes.

E lá fiquei eu na minha cesta, com meus filhotes, pensando que, em breve, eles irão morar em outras casas e que eu tenho de preparar o meu coração para a hora da partida.

Ser uma cadela mãe não é fácil!

A Semana da Asa



Meu querido diário:

Imagine que a escola da minha mãe levou, hoje, uma turma de alunos para dar uma volta de avião, comemorando a Semana da Asa.

Foi todo mundo conhecido. Tinha de tudo no avião. Bonecas, bichos de pano, máquinas fotográficas.

A menina Sílvia trouxe aquele ursinho de pano muito levado, o Zuza.

O avião parecia uma gaiola de passarinho, com todo mundo falando ao mesmo tempo. Mas a aeromoça pôs ordem na bagunça, falando:

— *Senhores passageiros, bom dia! Este é um vôo especial da Semana da Asa. Apertem os cintos.*

E o avião — ZUUUUUMM — decolou. Todo mundo bateu palmas e começou de novo a gritaria porque todos queriam espiar pelas janelas. Eu espiei e vi as casinhas lá embaixo, lindas!

Foi no meio dessa confusão que eu ouvi um latidinho.

Escorreguei do colo da minha mãe e fui me arrastando por debaixo das poltronas, até que cheguei no dono do latido. Era o Fox, o filhote da Xula e do Rex que a menina Madalena

está criando lá na casa dela.

Ele estava escondido numa sacola, conversando com o ursinho Zuza.

Eu disse para eles calarem a boca, porque cachorro só entra em avião com licença. (Já ouvi dizer isso.)

Voltei para a minha poltrona e a minha mãe me levou lá no bico do avião, na tal cabine de comando, onde ficam os pilotos, pilotando. Uma beleza!

Quando voltamos para o nosso lugar, estava a maior confusão. O Fox corria pelo corredor. Já tinha feito xixi. Todo mundo queria pegar o danadinho e não conseguia. A menina Madalena chorava. As professoras reclamavam. Mas, aí, a aeromoça mandou todo mundo voltar para os assentos e apertar os cintos porque o avião ia aterrissar na pista.

Ele aterrissou e pegaram logo o Fox. Nós descemos do avião e ganhamos um botão escrito *Semana da Asa*.

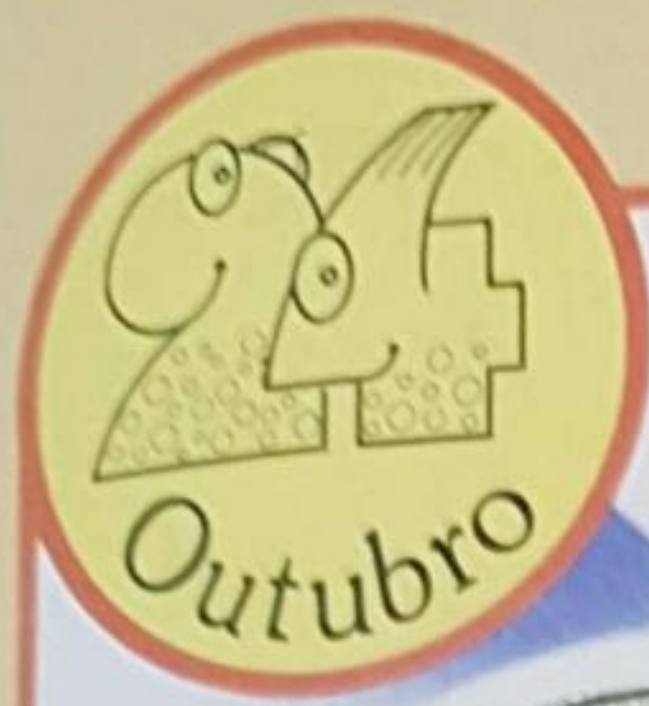
Depois, eu mostro.

Adorei voar, meu diário.



Quase, quase

prof.com.partilhando



Quem começou esta história foi o menino Lucas, contando o seu caso: — Sabe, Marcelo, outro dia eu ia passando debaixo daquele prédio, que estão construindo ali na esquina, e um tijolo enorme veio vindo, lá de cima, e quase, quase caiu na minha cabeça. Se eu não desse um pulo de gato, não estaria aqui para contar a história.

O Marcelo não fez por menos, falou: — E eu, sabe, Lucas, outro dia quase, quase morro atropelado debaixo das rodas de um caminhão. Vinha vindo da escola, estava atravessando na faixa e tudo, mas o danado do caminhão perdeu os freios e passou de raspão junto de mim. Até rasgou a minha roupa. Se eu não sou uma pessoa de muita sorte, tinha morrido ali mesmo. Lucas pensou um pouquinho e continuou: — E eu, sabe, Marcelo, outro dia fui com o meu pai e minha mãe tomar banho de mar. A gente estava nadando lá fora, bem longe, quando ouvimos

uma gritaria na praia. Voltamos correndo. E lá estava na beirinha da água um surfista (coitadinho dele!) todo mordido por um tubarão. Veja que perigo! Ali, juntinho da gente! Quase, quase a gente virava lanche de tubarão! Nem gosto de falar.

Mas os dois continuaram falando, contando os seus casos...

Quase, quase o Marcelo tinha sido seqüestrado por dois homens barbudos, mal-encarados, que andavam rondando a sua casa. Quase, quase.

O Lucas quase, quase caiu no fosso dos jacarés no jardim zoológico...

O quase, quase continuou animado, mas tão animado mesmo que eles não viram quando o cachorro policial do vizinho fugiu e pulou o muro do quintal. Quando eles viram, saíram correndo que nem doidos e subiram no outro muro, num pulo só, aos gritos.

Quase, quase escorregaram e quase, quase quebraram o nariz no chão. Quase, quase.



uehno.

Vivendo e aprendendo

prof.com.partilhando



(Considerações da menina Madalena)

Gente é diferente de bicho.
Bicho já nasce sabendo quase tudo.
Todas as coisas ficam guardadas dentro dele, bem sabidas. Quando ele precisa, aparecem. Por exemplo, ninguém ensina um cachorro a nadar, ensina? Eu nunca vi. Ele entra na água e sai nadando.
Mas gente é muito diferente.
Gente, quando nasce, só sabe mamar, chorar, fazer xixi e pumpum.
Daí, gente precisa de professor de tudo quanto é coisa.
Umas coisas, o pai, a mãe e a família ensinam, sozinhos.
Outras coisas, a gente precisa de um professor de verdade.
Na escola, tem tantos e tantos professores que, se eu contar, ninguém acredita. Tem um professor para cada coisa. História, geografia, matemática, educação física...
Existe professor de tudo no mundo.
Logo que se inventa uma coisa nova, aparece um professor para ensinar.
Veja lá o caso do computador.
Mal inventaram os computadores, e já

existem os cursos de computação.
Eu mesma, quando crescer, vou fazer um curso desses.
Agora, eu não sei quem é que foi o primeiro professor do mundo. E quem ensinou tudo a este professor? Eu acho que o primeiro professor aprendeu sozinho ou foi o inventor das coisas que ele mesmo ensina. Isso eu não sei direito. Não sei, não. Mas o bom do professor é que ele quer ensinar tudo. Tudinho. Quanto mais a gente aprende, mais ele gosta. Fica contente, dá nota boa.
Não é como uma amiga da minha mãe, que ensinava as receitas de doce pela metade para o doce dela ficar melhor do que o de minha mãe.
Professor já nasce feito, perfeito. Tem de ter jeito de professor, paciência de professor, alma de professor e coração de professor. Tem, sim. (Para caber todos os alunos dentro.) Senão, ele perde a paciência e desiste quando encontrar uns meninos levados, como certos amigos que eu tenho. É o que eu acho!



Deu zebra



João Grilo, repórter internacional da *Folha Florestal*, entrevistou com risco de vida a dona Zebra, na perigosa selva da África.

REPÓRTER: É verdade que as senhoras não gostam de ser domesticadas?

ZEBRA: As zebras puras, como eu, detestam o cativeiro. Já as zebras mestiças (mistura de zebra com cavalo) se prestam a trabalhar para os homens como escravas, coitadas!

REPÓRTER: A senhora vive sozinha?

ZEBRA: Não, meu amigo, muito bem acompanhada. Tenho o meu bando, com um chefe, o macho. Vivemos todas juntas, com nossos filhotes, pastando nos campos, apostando corrida, bebendo e comendo em paz.

REPÓRTER: Quanto a senhora mede?

ZEBRA: O senhor é curioso, hem! Eu meço cerca de um metro e vinte de altura e dois metros de comprimento.

REPÓRTER: É verdade que a pele das senhoras além de linda é muito útil?

ZEBRA: Utilíssima. É o nosso disfarce contra os inimigos. Estes desenhos da nossa pele confundem bastante a vista dos inimigos.

REPÓRTER: A senhora tem muitos

inimigos por aqui, nestas bandas?

ZEBRA (olhando para os lados): O nosso maior inimigo é o leão. Mas, felizmente, temos um olfato e um ouvido muito apurados e sentimos de longe quando ele se aproxima.

(Neste momento, caros leitores, dona Zebra começou a ficar nervosa, esfregando os cascos no chão.)

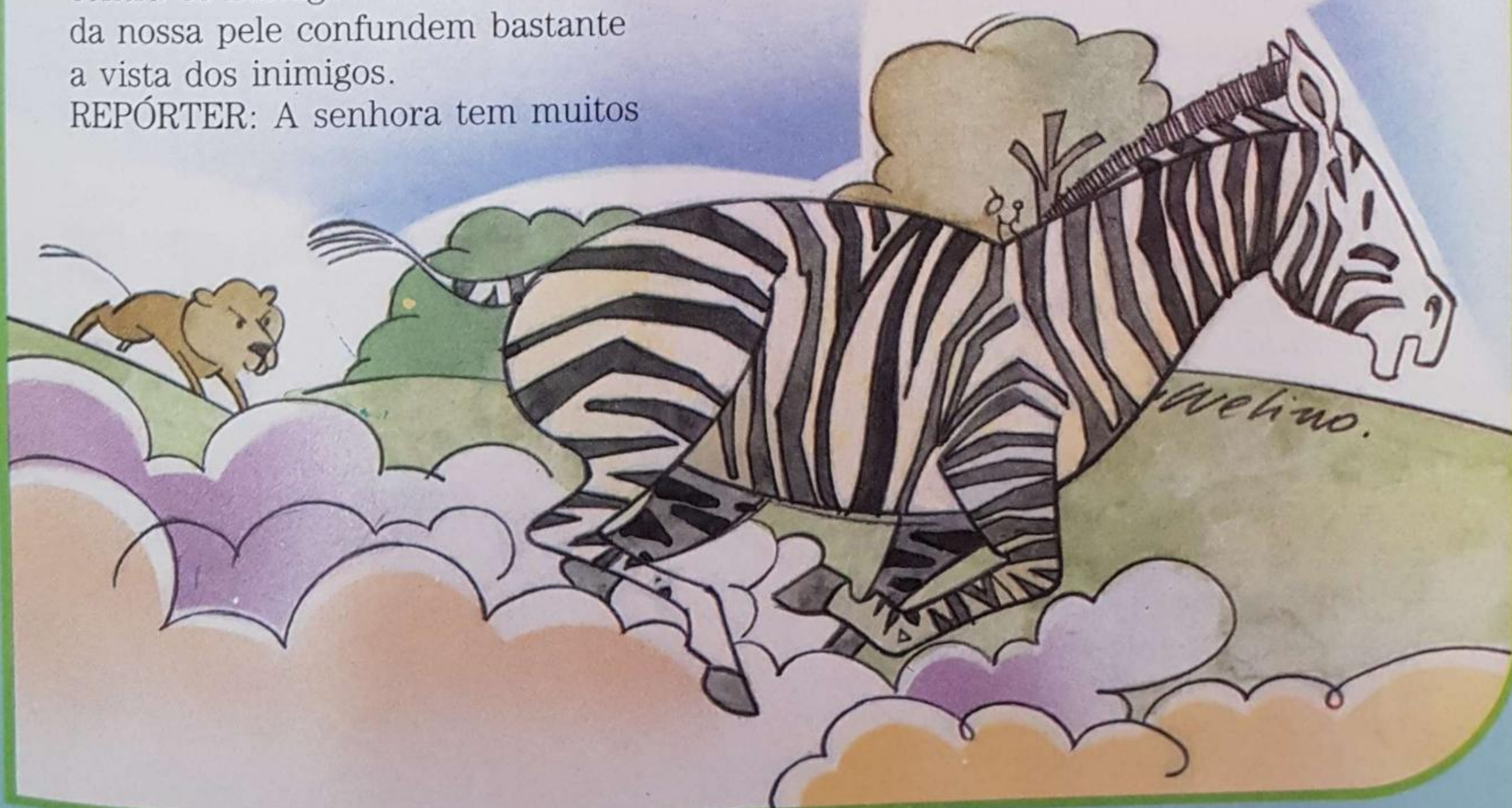
ZEBRA (baixinho): Ele está chegando. O leão vem aí, vamos fugir...

Eu pulei no seu lombo e galopamos pelo campo numa velocidade de uns setenta quilômetros por hora.

Todos os bichos corriam também, fugindo do leão, aos urros e gritos. Era emocionante, assustador, terrível. O leão rugia atrás da gente sem parar. Até que chegamos numa vegetação mais densa e a dona Zebra conseguiu se disfarçar numa moita bem alta.

O leão perdeu o nosso rumo e saiu atrás de outras presas. Nós voltamos suados, tremendo, para o campo aberto. Logo nos despedimos e eu estava de volta ao meu helicóptero.

(Quase deu “zebra” nesta reportagem...)



Tevê Boas Notícias

20
Outubro



A *Tevê Boas Notícias* apresenta a cobertura completa da Feira do Livro diretamente do Pavilhão Verde. Comanda a nossa equipe de reportagem o famoso gato Romeu.

- Caro espectador, o Dia Nacional do Livro está sendo comemorado hoje, em todos os *stands* da Feira, com eventos especiais, reunindo uma multidão de gatos de todas as raças e idades.
- O *stand* do Japão apresenta a última novidade em informática, o livro *laser* computadorizado, em três dimensões. O livro pode ser lido, ouvido ou cheirado. Responde até a perguntas do leitor.
- Diretamente da Gringolândia nos chega um livro muito apetitoso, o livro comestível. Em três sabores: morango, abacaxi e chocolate. Degustação às 17 horas no *stand* 48.
- Estamos divulgando em primeira mão o resultado do 7º Concurso de Literatura do Leite Calunga.
POESIA: *Ninhada, minha ninhada*, e autoria da gata Maria Preta.
LITERATURA INFANTO-JUVENIL: *Filhotes que mordem* (dedicado aos gatinhos de rua), de Tietê Porto.

• Boa notícia para todos!
Foi lançada pela Fundação do Livro uma imensa campanha popular: DÊ NOVA VIDA AOS SEUS LIVROS. TIRE OS SEUS LIVROS DA ESTANTE, EMPRESTE AOS SEUS AMIGOS. Participe você também desta campanha cultural!

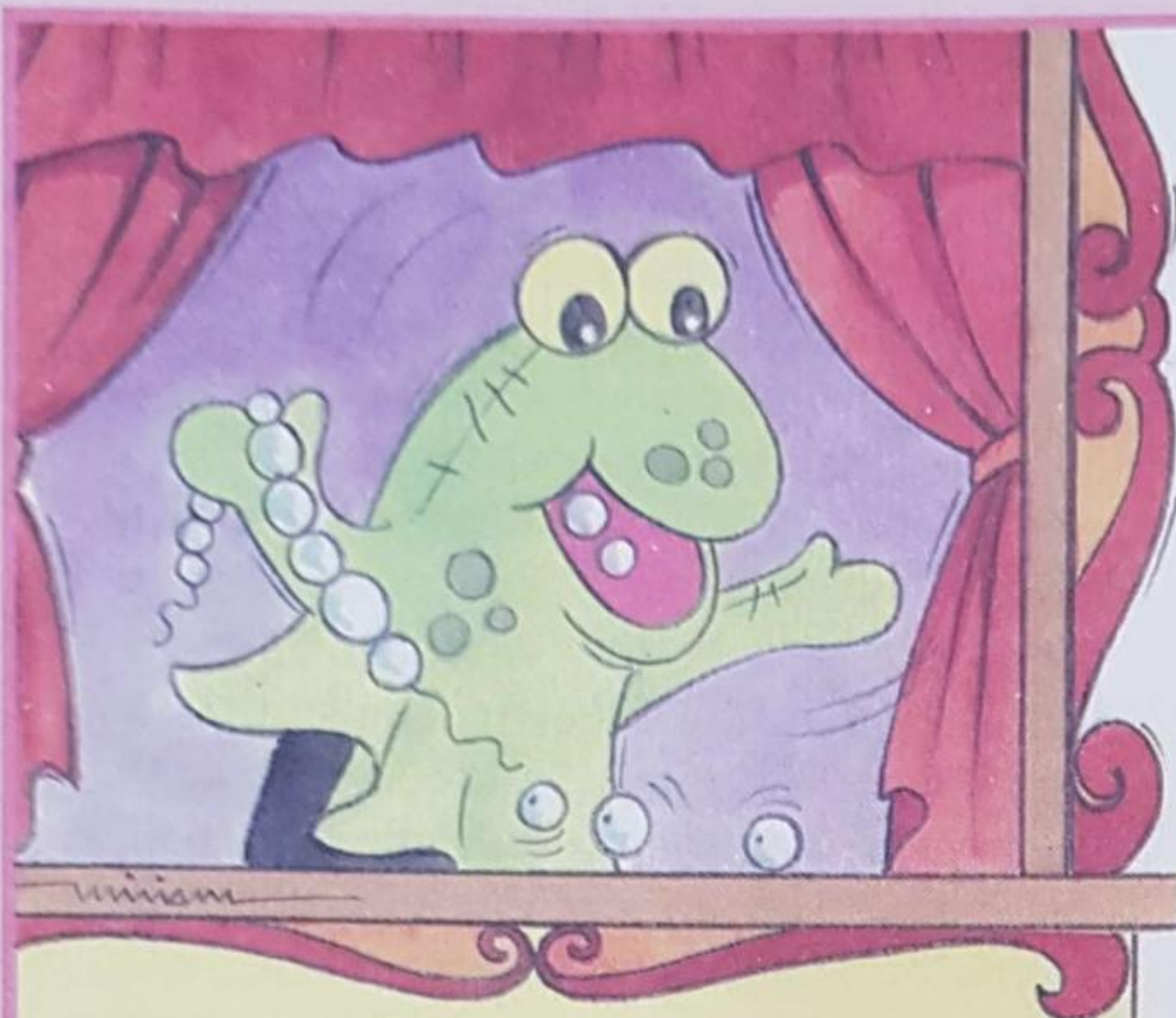
• Caro espectador, a sua presença é indispensável na Feira do Livro. Participe da vida da sua cidade. Faça BOAS NOTÍCIAS!
Boa noite, meus caros amigos.

FEIRA DO LIVRO

ENTRADA



O sapo Agapito



Aconteceu ali mesmo, na fazenda do doutor Faria, na maior festa de aniversário que aquele avô já deu para sua neta, a menina Luísa.

A grande atração da festa era o teatro de bonecos da Memélia, famoso de norte a sul do país.

O artista principal da trupe era o sapo Agapito. Um sapo-boneco que cantava, dançava, brigava, comia e descomia colares no espetáculo.

Na hora certa, lá estava a criançada sentada no gramado, perto da lagoa, debaixo da mangueira.

Lá estava a Memélia apresentando o seu teatro sob gritos e aplausos. E lá estava ele, o sapo Agapito, todo animado cantando:

— *O sapo não lava o pé
Não lava porque não quer
Ele mora lá na lagoa
Não lava o pé porque não quer
Mas que chulé...*

Enquanto o espetáculo acontecia no palquinho do teatro de bonecos, uma outra história se desenrolava, na platéia, misteriosamente.

A sapa Cristina, que morava na lagoa, muito sapeca, veio assistir ao espetáculo, escondida na folhagem.

E, de repente, aconteceu um caso de amor entre uma sapa de verdade e um sapo-boneco de pano, um fantoche!

O coração da sapinha pulava quando o sapo Agapito cantava e dançava:

— *O sapo não lava o pé
Não lava porque não quer...*

Quando acabou o espetáculo, a sapa foi pedir um autógrafo. E foi a vez do Agapito se apaixonar por ela, à primeira vista. E, muito assanhado, além do autógrafo, deu um beijinho na sapa... que logo retribuiu, dando outro beijo, bem estalado.

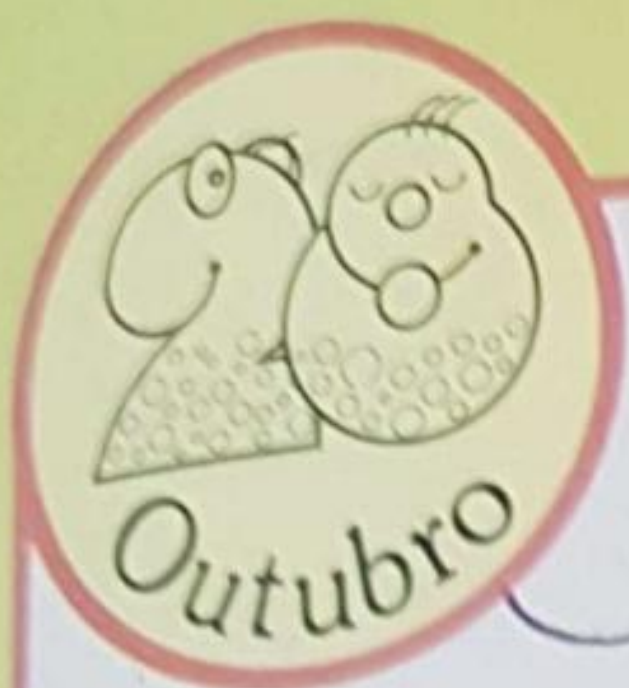
Foi, então, que aconteceu um grande trovão com fumaça preta.

E o sapo Agapito desencantou. Virou sapo de verdade, deixou de ser boneco. Memélia quase morreu de susto quando viu o que tinha acontecido com o seu artista principal. Mas logo teve uma idéia. Convidou a sapa Cristina para fazer parte da trupe, ser artista também. Ela aceitou pulando. Eles logo se casaram e representaram felizes para sempre, cantando:

— *O sapo não lava o pé
Não lava porque não quer...*



A torre de Babel



Vovó Candinha chegou no nosso quarto meio aborrecida, reclamando:

— Eu acho que falo grego. Esta casa está a torre de Babel. Digo uma coisa, entendem outra!

— Que torre é essa, vovó, onde fica?

— Ficava na Babilônia. Esta torre tem uma história comprida, esquisita.

Um dia, eu não sei quando, os descendentes de Noé resolveram fazer uma torre para alcançar o céu.

(Vejam lá! Que maluquice!) Começaram a construir a torre na Babilônia, uma cidade linda de antigamente. Era uma coisa esplendorosa. Coisa de sonho mesmo.

Toda cercada de muralhas desenhadas com azulejos azuis esmaltados.

Lá existiam também os famosos jardins suspensos da Babilônia. Eles ficavam em cima dos prédios. Uma beleza! Uma maravilha!

Pois bem, meninos, o povo

queria construir uma torre em forma de pirâmide, muito alta, com degraus que conduzissem direto ao céu. Mas Deus não gostou nadinha desta idéia dos homens. (Ninguém tinha pedido a opinião dele antes de fazer a tal torre de Babel.)

Daí, sabem o que aconteceu, meninos? Não sabem?

De uma hora para outra, os trabalhadores que estavam fazendo a tal torre começaram a não se entender: um não entendia o que o outro falava. Cada um, sem querer, falava uma língua diferente. Deu a maior confusão no trabalho. E a construção teve de ser suspensa, de repente.

Dizem que antigamente só existia uma língua no mundo e todos se entendiam. Desse dia em diante, surgiram todas essas línguas e ninguém se entende mais nem nada. Vovó Candinha deu boa noite em diversas línguas e foi embora dormir, cantarolando.



Figurinha difícil



Ele parecia um cachorro bravo. Sempre calado, sem latir nem nada.

Não dizia bom dia!, como vai?, como foi?, até loguinho!, já vou indo!

Nada disso. Ele passava de fininho com a sua cara de cachorro buldogue toda franzida, amassada, amarrotada.

Os outros cachorros comentavam:

— Que cara mais feia! O senhor Buldogue devia ser mais sociável. Dar um sorriso. Mostrar os dentes, sorridente. Ele não parece um cachorro de raça, mais parece um vira-lata.

Todo dia, ele dava o mesmo passeio.

Acordava, bem cedinho, para fazer o seu *cooper* na praia.

Tudo num ritmo certo e correto.

Sua língua, muito comprida, suava, pingava, marcando o seu rastro.

Depois, ele ia para a areia e fazia ginástica aeróbica. Tudo certinho:

— Um, levanta. Dois, abaixa.

Três, estica. Quatro, expira.

Mas, naquele dia, a sua ginástica foi interrompida por um grito:

— Socorro! Eu morro! Socorro!

A praia estava vazia. O salva-vidas ainda não tinha chegado. E ninguém podia ajudar o coitado do afogado.

Ele não pensou duas vezes. Foi rápido.

Deu um latido fino e forte, e mergulhou no mar bravo. O mar não estava para brincadeiras, com arrebentação forte.

Ondas enormes explodiam na praia. Mas o senhor Buldogue não parava de nadar com o rapazinho afogado no seu pescoço.

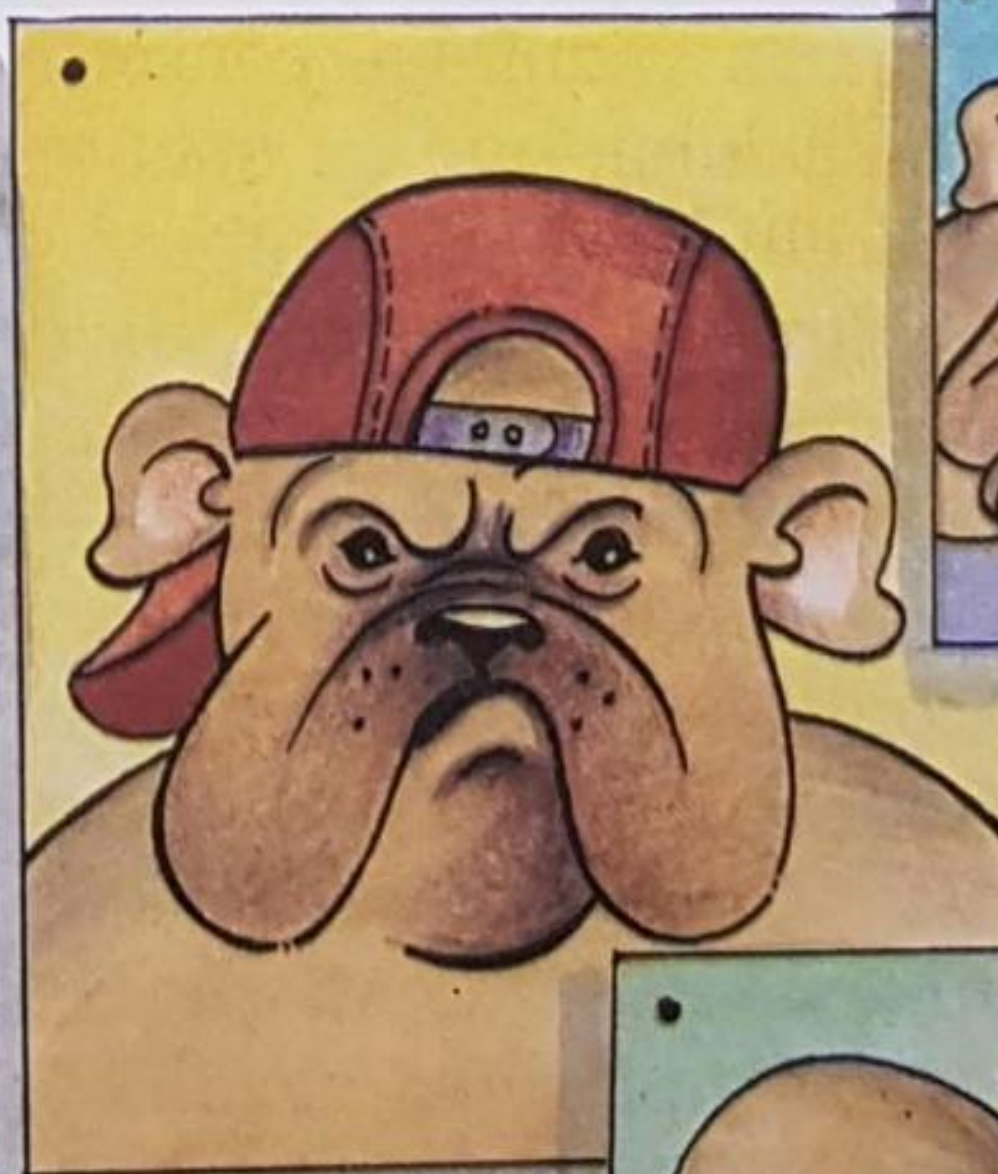
A correnteza puxava para fora mas, depois de muita luta, os dois chegaram na praia, com a língua de fora.

E lá ficaram deitados, abraçados.

O rapaz chorava, aliviado. E o senhor Buldogue consolava, lambendo o rosto dele com todo cuidado.

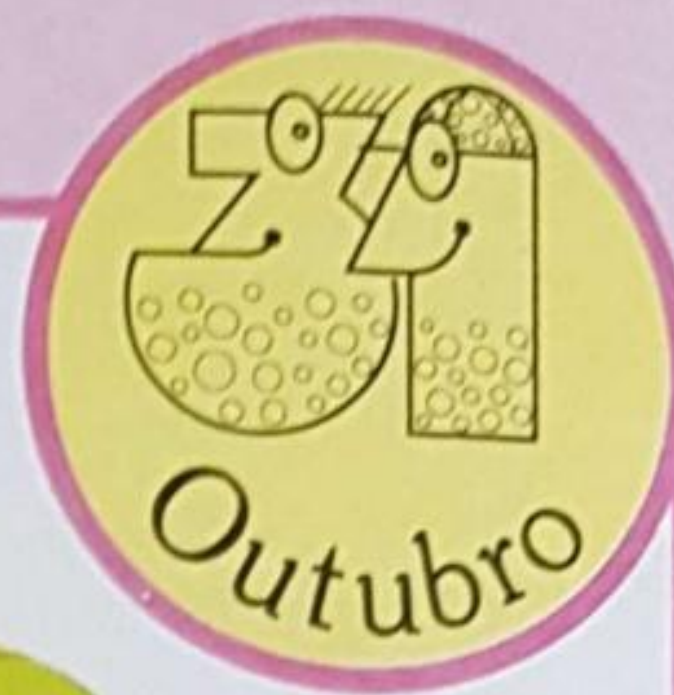
E eu, que vi tudo da minha janela, pensei aqui com os meus botões:

— As aparências enganam. Quem vê cara não vê coração...



O tempo do passarinho

prof.com.partilhando



Era uma vez um passarinho que morava num ninho no alto de uma mangueira.

Quando a mamãe passarinha saía cedinho para procurar alimento, falava:

— Ó, filhinho, não saia do ninho. Você ainda é um filhotinho, pode cair lá embaixo e se machucar.

Mas o passarinho morria de vontade de dar às suas voadinhas, experimentar as suas asinhas cheias de peninhas.

Experimentou uma vez. Experimentou a segunda. Quando experimentou a terceira, caiu e quebrou uma asa.

Saiu, andando pelo chão, arrastando a asa, procurando uma ajudinha.

— Ó, minha amiga vaquinha, conserte a minha asinha, que eu quebrei dando uma voadinha...

A vaquinha, muito mal-humorada, disse que não entendia de asas.

O passarinho continuou o seu caminho, arrastando a sua asinha quebrada...

Até que encontrou um cavalo e pediu ajuda de novo, coitadinho:

— Ó, meu amigo cavalinho, conserte a minha asinha, que eu quebrei dando uma voadinha.

O cavalo relinchou e disse que não consertava asas. Não era veterinário.

E lá se foi o passarinho andando, pedindo ajuda a todo mundo que encontrava, ouvindo sempre o mesmo.

Até que encontrou um rio, muito transparente, e parou para beber água:

— Ó, meu amigo riozinho, conserte a minha asinha, que eu quebrei



dando uma voadinha!

E o rio de águas claras cantarolou:

— *Bote aqui a sua asinha*

Bote aqui no leito meu

E depois não vá dizer

Que você se arrependeu...

E, com todo o cuidado, enfaixou

a asinha do passarinho com um cipó e um graveto, dizendo, sorrindo:

— Dê um tempo ao tempo, fique quieto uns dias no seu ninho, meu passarinho! E foi o que o passarinho fez.

Voltou para o seu ninho e deixou o tempo passar, bem quietinho.

O tempo passou. Ele sarou e aprendeu a voar bem direitinho. E, no seu primeiro vôo sozinho, levou uma flor para o seu amigo riozinho.

Ele agradeceu com um sorriso claro:

— O tempo cura tudo. É só dar tempo ao tempo, amigo passarinho.

